Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para respostas.

ALTER-EGO (Bahia) — Assignatura bem diversa da letra do corpo da carta. Se não foi outra pessoa que assignou, foi o proprio Alter-Ego, empregando a mão esquerda para disfarçar a letra. Tudo isso mostra espirito futil, propenso á graça, á pilheria, a relatar antigas anecdotas já sabidas e que não provocam o menor sorriso a não ser de compaixão por quem as conta.

ECILA (Recife) — Nada de extranho tem sua letra que denote más qualidades, como suppõe e mandou dizer. Vê-se apenas um pouco de vaidade muito natural nas jovens bonitas e bastante teimosia muito commum em todas as jovens em geral. E' tambem um pouquinho caprichosa, não gostando de que a contrariem. Vê-se, porém, no arredondado da letra que sabe ser bondosa e meiga quando quer.

ANTONINO PAES (Rio) — Escreva em papel sem pauta e a tinta ao invés de lapis.

ALEXINA (S. Paulo) — Letra clara, rectilinea, arredondada, mostrando clareza, lealdade, bondade. Ha traços de franqueza, generosidade, altruismo mesmo. Espirito lucido, recto, amigo da justiça e das situações definidas.

NADIR OLLEM (Rio) — Indecisão, fraqueza, talvez anamia, sensibilidade aguda, egoismo que se póde traduzir por ciumes. Alguma bondade até quando não lhe melindram o amor proprio muito susceptivel. Vaidosa, como, em geral, todas as jovens formosas o são. Um pouquinho de capricho e infantilidade.

LÉCO-LÉCO (Rio) — Scepticismo, incredulidade em tudo, até mesmo no que vê. Pessimismo, achando esse mundo o peor delles. Bastante critico, satyrico, demolidor. E' quasi impiedoso para com os pobres de espirito, lisongeando-lhes a vaidade e gosando o ridiculo a que os expõe. Tem, ás vezes, attitudes nobres, altivez e independencia de caracter.

MARION DIX (Petropolis) — Letra ainda indecisa, inclinação variavel dos traços, tudo isso e mais alguma cousa indicando caracter em formação com pouca firmeza de ideaes e opiniões, inconstancia, versatilidade Espirito futil e despreoccupado. Superstição, medo do desconhecido, horror ás responsabilidades...

TELMO (Recife) — Intelligencia, argucia, espirito fino e subtil. Amor ao estudo, curiosidade insaciavel, ansia de saber. Um pouco distrahido talvez pelo amor ás mathematicas, desordenado, não ligando muita importancia ao seu physico, principalmente quando preoccupado com algum assumpto que lhe prenda a attenção. E' generoso, sobrio, dedicado e leal, embora um pouco inconstante nas amisades.

JOTA SOBREIRA JR. (Rio) — Espirito poetico e sonhador, architectando castellos, entrevisando miragens que se desfazem á luz da realidade. Tem a despreoccupação natural dos sonhadores e poetas, pouco lhe importando o dia de amanhã. Muito emotivo, apaixona-se facilmente e com a mesma facilidade esquece para se apaixonar novamente. Por ser sensivel soffre com a magua alheia, procurando suavisal-a.

LILIAM GYS (Rio) — Devia ter escripto em papel sem pauta. O horoscopo que pede foi enderaçado ao Dr. Sabe-tudo na secção de correspondencia do **Tico-Tico,** o qual se encarrega desses estudos... astraes.

JECA TATÚ (Ilhéos — Bahia) — Muito calligraphica sua letra para ser de um Jéca embora use a prosodia original e viciada dos nordestinos. Letra calligraphica é indicio de mediocridade, amor ao convencional, ás mi-

nucias, á rotina, a menos que não seja professor de calligraphia ou antigo guarda-livros, não me parecendo, entretanto uma cousa nem outra. E' um temperamento alegre, folgazão, vivaz e com grande facilidade de militar seja o que fôr, com exito.

L'ORIGAN (Tijuca) — Espirito futil, alegre, despreoccupado, cheio de vaidade e bizarria, com a preoccupação da originalidade e o desejo de ser notado e lisongeado. Um tanto desdenhoso para com os que julga de condição inferior á sua. Orgulhoso do seu nome de familia e selecção de amisades.

TRISTÃO DE ISOLDA

Recepção na residencia do casal Arthur de Souza Mattos — Eulina de Souza Mattos, que completou as suas bodas de prata.

PARA TODOS...

Exotismo

POR BEZERRA DE FREITAS

O romance latino, feito de aventuras prosaicas, dentro do panorama urbano, havia de cair pela fadiga e pela tristeza. A curiosidade moderna começou a espreitar as cousas distantes - a orla montanhosa dos planaltos, os desertos arenosos, as pequenas ilhas oceanicas, as mattas dos tropicos orientaes - e nesse mysterioso scenario vegetal poz os seus typos e os seus personagens. O romance europeu vem hoje das colonias de povoamento de Samôa ou do fundo da fornalha hawaiana. Cheira a baobad, a acacia, a eucalyptus. A lenda amorosa de um barbaro de Magreb vale mais que os ardis de um engenheiro de minas para arrebatar a filha de um grande industrial, e a paixão mystica de um *fellah* do Nilo desperta maior interesse que a ruina de castellos e brazões, no Occidente, á hora da fome e das gréves. A imaginação latina é o conflicto entre a sociedade civilisada e as sociedades exoticas. Os romances vão passando: "Malaisie" "Climat" "Chez les nègres blancs"... Os olhos amortecidos do mundo moderno accendem preferencias pelas narrativas de correrias nas abas do deserto, entre cafres violentos e zulús conquistadores. O romancista deve ser, antes de tudo, um andarilho abnegado, disposto a colher sensações entre onças mal alimentadas ou no horror das regiões polares. Só assim será interessante e valerá a pena de ser lido...

MORANO — ITALIA

A mais recente photographia de Romano Mussolini, o filho menor do primeiro ministro da Italia, o qual se parece muito e muito com seu pae. Romano está passando umas ferias com sua mãe em Morano.

BIRMINGHAM, Maio

LADY Cynthia Mosley, a famosa parlamentar, pertencente ao Partido Trabalhista até ha bem pouco tempo, mas que acaba de fundar com seu marido, Sir Oswald Mosley, o "Partido dos Novos", fazendo um discurso politico durante a campanha eleitoral nesta cidade. Embora Sir Oswald Mosley esteja doente, Lady Mosley resolveu continuar a propaganda em favor do novo partido que conta com fundos no valor de 1.250.000 dollares para fins eleitoraes.

SEVILHA.

CHEGOU a senhorita Victoria Kent, propõe-se a visitar todas as penitenciarias do paiz. Pretende realizar uma obra immensa para reformar o actual systema penal absurdo que desapparecerá como archaico e intoleravel. Além disso será a transformação radical para attingir os fins visados.

MOSCOW, Maio.

NA Russia, neste momento, se põe a belleza ao lado da causa sovietica. Aqui vemos uma senhorita, peculiarmente bella, de typo moreno, da região do Caucaso, e que acaba de ser escolhida, entre muitas outras, para pregar a causa communista no estrangeiro. Todas as moças escolhidas, representando todos os typos de belleza da Russia, são admiravelmente educadas, falando varias linguas, e deverão viajar pelo estrangeiro numa "tournée" de propaganda organizada por Mme Kamenew, esposa do ex-commissario do districto de Moscow.

DA TERRA DOS

INTERNATIONAL NEWS PHOTOS.

LONDRES, Maio.

A photographia representa a chegada do Principe de Galles e do Principe George á Inglaterra, completando assim o seu grande cruzeiro atravez da America do Sul. Os Principes voaram de Paris a Londres num grande avião e aterraram em Smith Lawn, no Parque de Windsor. Ambos chegaram em estado de perfeita saude.

BERLIM, Maio.

CHARLES Chaplin foi recebido nesta capital com um enthusiasmo verdadeiramente indescriptivel. Para protegel-o da multidão enthusiasmada foi preciso um verdadeiro exercito de policias. Aqui o vemos sorridente e amavel para os enthusiastas berlinenses.

LONDRES, Maio.

A photographia representa Miss Molly Montgomerie, bella figura da sociedade ingleza, cujo noivo, o aviador Augustine Courtauld, se encontra actualmente perdido nas solidões geladas da Groenlandia. Varias expedições aereas foram enviadas com o proposito de descobrir esse aviador. Uma dellas, dirigida pelo capitão Albin Ahrenberg chegou a Angmagsalik, na Groenlandia. O irmão de Miss Montgomerie está tambem dirigindo uma expedição.

PARIS, Maio.

A photographia representa o Principe de Galles e o Principe George, chegando a Paris, á entrada do Hotel Maurice, depois de terem completado a sua grande viagem pela America do Sul. Além de visitar o Presidente Doumergue, os Principes almoçaram com a Rainha da Hespanha e as suas filhas em Fontainebleau. De avião, voaram de Le Bourget a Londres.

OUTROS

O Director do novel estabelecimento, Professor Dr. Carlos Bezerra de Miranda, pronunciando o discurso inaugural

PELA EDUCAÇÃO SOCIAL DA MULHER

Foi sem duvida, um acontecimento social a inauguração dos *Cursos Praticos Bezerra de Miranda*, a primeira escola domestica, profissional e social que se funda no Rio de Janeiro, moldada nas suas congeneres da Suissa, dos Estados Unidos, da Belgica e principalmente da Allemanha.

S. Excia Revma., o Bispo D. Mamede, entre o representante do Director Geral da Instrucção Publica, os directores da novel casa de educação feminina, num grupo representativo do escól da sociedade carioca

Almirante Conrado Heck

— *Allô! Quem fala? É a Marinha?*

— *Sim. Que deseja?*

— *Uns dados a respeito do Almirante Heck.*

— *Com muito prazer.*

— *Faça o favor.*

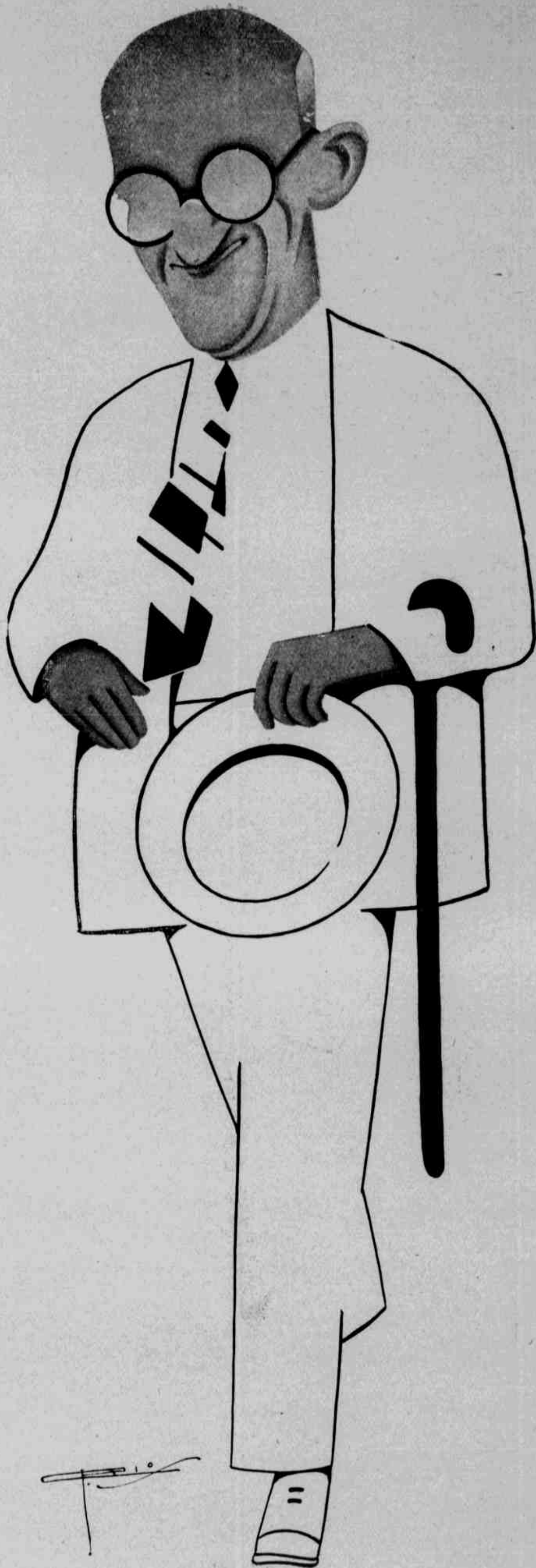
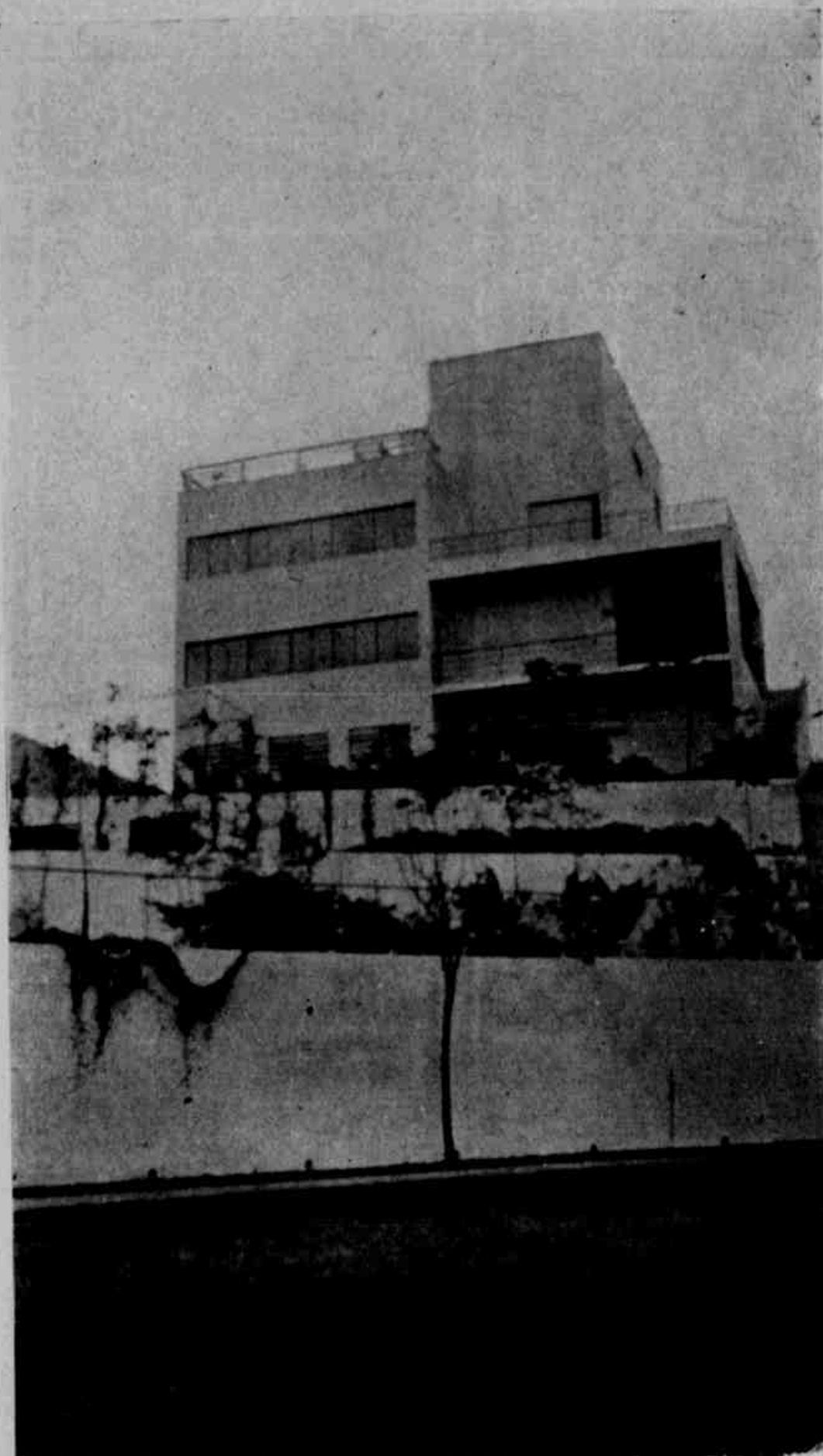
— *Caracteristicos principaes: grande energia e inexcedivel dedicação á classe. Ainda guarda-marinha seguiu Saldanha da Gama na revolução contra Floriano e depois no exilio e no combate de Campo Osorio. Foi o iniciador dos estudos especialistas da arma de artilharia, entre os soldados do mar, e o primeiro professor de officiaes da respectiva escola. Trabalhador incansavel. Profissional sincero e altivo. Praticou na Europa. Esteve como addido naval no Japão. Commandou o "Minas Geraes" durante os concertos desse couraçado na America do Norte. Commandou tambem o "Benjamin Constant" em viagem. Levantou a planta da Ilha Grande. Escreveu uma "ordenança" para o serviço da Armada. Mas... para que deseja os dados?*

— *Para fazer uma nóta sobre o Ministro da Marinha.*

— *Ah! é melhor não fazer. Elle é retrahido, detesta a popularidade.*

— *Bem. Então não faço...*

ALVARO MOREYRA

Desenho de J. Carlos

S. PAULO

Casa do Senhor Luiz Prado, no bairro de Pacaembú, construcção de Warchvchik. A fachada, á direita, em cima. Em cima, á esquerda, Senhora Luiz Prado junto de uma téla de Léger. Em baixo, á direita, num recanto do interior. A' esquerda, com a Senhora Ruy Mendonça e o menino Paulo Sampaio.

FARRAPOS

OS remotos acontecimentos de ordem ethnologica, que mais influiram na formação da alma gaúcha, foram já longamente estudados, esmerilhados pacientemente á luz dos preceitos theoricos que a sociologia moderna estabelece. Mas não significa isso ter-se delineado, com abundancia de argumentação inconteste, o traço psycologico real do homem sul rio-grandense.

O espirito bellicoso, como uma semente mysteriosa em constante proliferação, foi sempre um motivo preponderante de estudo apurado atravez dos nossos antepassados historicos.

Se, no entanto, nesse sentido temos feito alguma obra util, delimitada entre elementos essencialmente documentaes e inducções abstrativas, não temos, porém, desenvolvido e divulgado, com sabedoria, os factos julgados, arrancados ás confusões da historia.

Considerar, estudar os elementos que mais contribuiram na elaboraç o e na formação espiritual do homem, dentro de um determinado cyclo evolutivo, não representa tarefa elementar de facil execução. As narrativas guerreiras, que são propriamente as que mais influem no espirito popular porque, na generalidade, revivem a grandeza de um patrimonio moral, não se processaram convenientemente nem alcançaram até hoje o objectivo collimado.

Ainda que tenhamos construido grande parte do magnifico historico de 35 falta-nos dar-lhe uma divulgação condigna, ampliar-lhe os relevos mais notaveis, salientar-lhe a correcção das linhas, a inteireza soberba das suas bases, descobrir-lhe, emfim, os detalhes desconhecidos, encobertos pela indifferença do tempo

Ultimamente já se tem escripto dentro de formulas racionaes, attrativas, para que todos os que tenham um interesse intermediario pelos nossos acontecimentos historicos, emanente da sua propria cultura, encontrem uma literatura convidativa, clara, superior.

O Snr. Paulo Setubal, com a sua intelligencia de raro, já ventilou, em synthese notavel, esse ponto defficiente dos nossos methodos em uso. Observadas essas falhas, tratou-se de corrigil-as Já ha alguns annos se vem escrevendo historia de um modo mais pratico e perfeito e nesse caminho marcham os escriptores da actualidade Ha bem pouco tempo surgiu em Porto Alegre o livro "Farrapos", da autoria do Snr. Walter Spalding. São syntheses, pontos luminosos de historia, episodios da celebrada epopéa farroupilha. Não será, por certo, favoritismo, o affirmarmos de que o novo livro do Snr. Spalding é uma obra de merito, de divulgação historica recommendavel, muito leve, suave, de leitura agradabilissima, concisa nos seus conceitos e narrativas.

A historia rio-grandense continúa afastada do conhecimento popular. Rica nos seus episodios e cheia de lances épicos, é ella um repositorio notavel de estudo, de psycologia experimental. No entanto, a nossa literatura historica não tem sabido aproveitar-se dessa riqueza, convenientemente. O que se tem escripto a respeito do glorioso decennio, excluindo raras monographias, são obras de eruditos, prolixas, de alto preço, vasadas em estilos requintados, numa ambiencia de analyses fatigantes, e o que é peor, ignoradas quasi sempre do publico ledor. Os nobres fidalgos das letras historicas não descem nunca ao seio do grande publico. A genialidade não cogita de ser util as multidões.

(Continúa no fim do numero).

Primavéra no Outomno

NADA escapa ao evoluir natural dos tempos. Hontem as anquinhas (e se formos mais longe um bocadinho as *mulambadas)* hoje os *maillots;* no outro seculo as maxambombas e os carros de aluguer — hoje os aviões e os zeppelins. Tudo sentiu o bafejo remodelador da civilisação: usos, modas, costumes transformaram-se, ambientaram-se ou então... *adheriram*... E o casamento? Será que conseguiu atravessar immune a poeira dos tempos? Ah! o casamento, minhas elegantissimas leitoras, soffreu mais do que qualquer outra coisa o polimento da modernidade que lhe veiu apagar umas nodoasinhas de mofo e de carrancismo...

Querem a prova?

No tempo das minhas bisavós o divorcio (conhecido naquelles dias por "separação") era caso de justificada excommunhão. Os casamentos de berço não admittiam as classicas incompatibilidades de genio e dahi as uniões, por vezes, desastradas, arengas eternas, quando não acontecia (o que não era muito invulgar) a *sinházinha* desapparecer com outro em vesperas da *perna de perú*. Mas isto é coisa já um pouquinho distante, dos dias em que um fio arrancado do bigode valia mais que hoje uma promissoria estampilhada, assignada e garantida...

Depois, já mais pertinho, no seculo das nossas vóvósinhas, o coração conseguia, quasi, direito de voto livre. Não quero dizer que não houvesse paulificantes perseguições, naturaes além do mais... Os papaes ainda não conheciam nem de vista as estrellas errantes de Hollywood e se algum dia sonhassem com um daquelles beijos *grudes*, dados com a semcerimonia que os films nos mostram, virgem dos ceus! seria motivo para irem depositar aos pés do padre o segredo daquella grande tentação... Havia perseguições, sim senhoras, e a prova disto temos no bilhetinho encontrado no bolso de um *coió* e que fôra levado, sorrateiramente, á noitinha, por uma escrava de confiança, com a recommendação indispensavel que "é sinházi-

CASAMENTO Á MODA ANTIGA

POR • FERNANDO • PIO •

nha quem manda e manda dizer que não *amostre* a ninguem:

> Hoje á noite venha cá
> mas quando papae sahir;
> eu estou á sua espera,
> mas não deixe de *não* vir

Os *coiós* eram typo de paciencia admiravel. Invariavelmente, ás 6 da tarde, quando as ruas se enchiam de vendedoras de pamonhas e angú de milho, lá chegavam elles á esquina: tossiam, puxavam do lenço, endireitavam o laço da gravata e, numa elegancia estudada de gestos e olhares levavam o resto da noite a fazer *ronda* pelas vizinhanças.

E quando a *gamenha* morava num segundo ou terceiro andar, daquelles bem altos, da rua do Crespo? Ah! então é que era um serviço complicado! Ella na varanda, de *plantão*, sem arredar o pé, a não ser para cumprir um chamado da mamãe ou attender um pedido de cigarros do papae, estirado a commodo numa cadeira de lona. Elle, distante, fumando cigarrinhos, olhos compridos para cima, contentava-se em vel-a e em traduzir a linguagem mysteriosa dos leques e das flores, que sabia de cór. Vez por outra, quando o acaso bafejava, lá ia uma cartinha, escripta em papel cor de rosa, letra redonda e esmeradamente certa, phrases assucaradas, algumas com cheirinho bem pronunciado de ser o mocinho assiduo leitor do "Manual dos Namorados". A beata, com a sonsidão que lhe servia de "habeas-corpus" para gosar da intimidade dos lares, era tambem magnifico vehiculo destas approximações quasi clandestinas e merece registo especial a alegria de um *coió* quando via surgir por entre a capa grossa da velhota, um bilhetinho amoroso de sua delicada *yayásinha*... Quando não bilhetinho, era um recado ligeiro, interpretado mysteriosamente em voz baixa, olhos correndo quatro angulos num receio de fortuita connivencia. Coisas mesmo de beata! E o *coió* ouvia, o coração em sobresaltos, quasi a pular-lhe pela bocca:

— Olhe, meu filho, manda dizer a menina que amanhã vae á retreta da Praça da Republica.

As festas de igrejas, as retretas, as missas dos domingos, a de meio-dia no Espirito Santo ou a das 11, na Boa Vista, eram pontos obrigatorios de reunião e logares certos para furtivos encontros, phrases rapidas, olhares languidos, abanadellas de leques *estou te querendo, estou te querendo*, esquecimentos propositados de um lencinho de cambraia sobre o banco, no momento da sahida...

Sempre o namoro conheceu seus atrazosinhos, seus espelhos sem aço; quasi em nossos dias, já depois da passagem do seculo, as mocinhas casadoiras tinham grande cuidado com a rapaziada esperta da "A Pimenta" que de olho vivo, andava á cata de galanteios e indiscreções para em suas columnas, na secção

"De janella a janella" ou "E' com isto que mamãe se damna", de uma maneira decente e distincta, denunciar, em letras de fôrma, os apaixonados *contraventores*. . . . .

Afinal, "agua molle em pedra dura", lá chegava sempre o anciado dia do noivado. O pretendente começava ganhando certo prestigio mas não tanto que lhe autorisasse um cantinho no sofá, ao doce calor de sua preferida... Era de longe... Elle numa cadeira de braços, ella do outro lado, o sofá com a *velha* de permeio, seguindo quasi o mesmo regime antigo de olhares, sorrisos e... nada mais...

Surgia, mal o pretendente pisasse os batentes da casa da futura, um *bandão* de titias e cunhados, nascido, parece, especialmente para *fazer sala*, e isto sem contar com a figura indispensavel da futura sogra, sempre de oculos cahidos sobre o nariz, que de raro em raro perdia uma noite, culpa das enxaquecas que a atormentavam sempre. Supplicio!

O rapaz mastigava, calado, um punhado de pragas contra sogras e cunhados! Ainda com o noivado vinha outra personagem para as longas noites de conversação e distancia: *os suspiros*. Elle suspirava de lá, ella respondia de cá e assim corriam as horas até que os sinos tocassem as nove, quando o moço era forçado a dar o fóra, porque fosse *cabeça secca*... Era um dia de festa para o coração dos noivinhos quando, furtivamente, ao atravessarem um corredor, seus dedos se encontravam numa promessa quasi garantidora de interminas caricias futuras... E ella, coitadinha! numa afloração de pudor, baixava os olhos e tornava-se tão vermelha que era capaz de ser na vista, de chamar a attenção... Hoje, hein, minhas leitorasinhas, esse negocio de pegar na mão, é chapa, é *canja*, já não é mais canja é *sopa*...

A vespera do casamento passava-se em enorme confusão e aperreio: os preparativos eram grandes e occupavam a todos os de casa: sangravam-se perús, descascavam-se camarões para as douradas frigideiras, preparavam-se pyramides de fios d'ovos, isto na cosinha porque nas salas ainda maior era a azafama nos arranjos caseiros, nos ultimos dispositivos, nas limpezas que só acabavam mesmo na horinha do casamento. Uma das coisas que causava maior canseira era encontrar-se, a contento, pessoa intima, que dentro dos requisitos necessarios, viesse arranjar a cama do casal. Havia de ser uma esposa exemplar, para quem o casamento representasse bilhete premiado de loteria. Nomes e sobrenomes serviam de commentarios e para todos apparecia um *caso*, uma complicação, uma suspeição de felicidade absoluta. As phrases variavam muito pouco:

— Se Dondonzinha estivesse aqui...

— Ah! aquella sim... Nunca vi uma arenga, uma cara feia...

— E Deolinda, mamãe, não é tão bem casada?

— Deus me livre, minha filha. Aquillo só tem sonsidade... Se parede falasse...

Ante este *impasse*, sómente a sinházinha, a que ia casar, cabellos soltos, roupa folgada de andar em casa, se conservava calada.

Afinal uma comadre, mulher pobre, mas *bem casada até ali*, salvava a situação, tornada por pouco angustiosa. No dia pela manhã a casa enchia-se de amiguinhas e vizinhas, curiosas, bisbilhoteiras, e que vinham, entre gracejos, deixar espetados na colcha cor de rosa alguns alfinetes — talisman precioso e infallivel para um noivado proximo. Superstições do tempo! Como hoje os cravos do *bouquet* mordidos pela noiva quando dados a homem e pelo noivo quando dados a mulher... Mas o facto é que, tão arraigadas as crenças no alfinete *fluidificado* que, não raro, depois de feita a cama, esgueiradamente, ás escondidas, nas pontinhas dos pés, uma titia de olhos compridos e 40 cajús na arvore da existencia, ia, contritamente, deixar tambem numa beirinha seu alfinetesinho... de segurança...

Afinal ás sete horas da noite o cortejo solemne de carros ganhava as ruas da cidade, caminho do Palacio do Bispo, na Soledade, ou da Capella do Hospital Portuguez, onde, na epoca, eram celebrados os casamentos da *élite*. O estrepido dos carros, o trac-trac dos cavallos no calçamento irregular, davam, ao longe, impressão de trovoada, chamando a attenção, attrahindo curiosos e fazendo transbordar as janellas de pessoas — no commum mulheres — que queriam ter o gostinho de *ver a noiva*. Tempo houve que, á frente vinha o *coupé* dos noivos, todo estofado de branco, flores de laranjeira dependuradas como ornato, guirlandas nas portinholas e no chicote dos boleeiros que trajavam sobrecasaca e cartola branca. Mas a moda tinha, como em nossos dias, seus caprichos e seus protocollos: annos depois era o chic, como ainda hoje, o carro dos nubentes, ser o *serra-fila*, o ultimo do cortejo.

A noiva, vestida de setim Macau, num traje bem armado, cauda larga e extensa, véo cobrindo o rosto, o que não impedia descobrir-lhe a expressão carrancuda, natural ao *momento solemne*, mas que as linguasinhas afiadas dos espectadores não poupavam, num maldoso commentario:

— Menina, olha: a noiva vae tão séria, coitada! — que até parece que está arrependida...

Em seguida o serpentear dos carros, pharoesinhos accesos, levando os convidados em traje de grande gala: senhores envergando casacas impeccaveis, camisas de peito duro, abotoaduras de brilhante, sapatos de polimento, *claques* ou — remontando mais ao passado — uns gorrinhos pretos de seda, á feição de barretes. (!)

Damas com vestidos muito largos, de muita fazenda, em seda, (que naquelles bons tempinhos era tecido só usado para as grandes festas, bem assim os sapatos á Luiz XV) saias de muita roda, a cintura asphyxiada pelo espartilho, mangas fofas, largos decotes, só vistos em casamentos ou bailes, os cabellos empolados em complicadissimos penteados de onde os enfeites sobresahiam: ricos diademas de brilhantes, pennachos e *aigrettes*.

A' chegada do cortejo á casa onde moravam os paes dos noivos, já fileiras de convidados esperavam os nubentes para o baptismo com petalas de rosas ou arroz. As salas enchiam-se e emquanto esperavam pela ceia de garfo, as madrinhas iam distribuindo os cravos dos *bouquets*. Parece que estou vendo o espanto de minhas leitoras em face deste ultimo termo escripto no plural... E ouço mais a pergunta, ingenua, porém natural:

— *Bouquets?* e quantos eram? Então a noiva levava mais de um?

— Não, minhas senhoras, descansem! A noiva levava sómente um...

— E o outro? Como pode ser então? Só se...

— O outro? Só se...? Isto mesmo... quem levava o outro era o... noivo...

Tempo houve, e não muito longe, que o rapaz, airosamente, carregava tambem seu *bouquetzinho*...

E a distribuição, ao voltarem da igreja, era assumpto de principal importancia e motivo, muitas vezes, para discussões e malquerenças. Todos se empenhavam em receber seu cravinho: se homem, do *bouquet* da noiva, se moça, daquelle do noivo. E as madrinhas, coitadas, andavam em roda viva, ás tontas, pelas salas: umas puxavam daqui, outros pediam dali, numa balburdia, numa confusão tremenda.

Depois da ceia, demorada pelos brindes que se succediam, sinceros uns, outros por bajulação, e a maioria delles cheirando a vinho Figueira e a *Champagne*, organisavam-se os pares para as quadrilhas ou lanceiros, emquanto os papás, num dos cantos do salão, divertiam as horas a beber licores e a arriscar alguns cobres num animado *lasquenet*. Pelas salas cruzavam-se copeiros ou mulatinhas de vestidos novos carregando bandejas armadas de bolinhos para as senhoras se servirem.

Os recem-casados, como de pra-

(Termina no fim do numero).

Dialogo ao Crepusculo

Newton Braga

Crepusculo. Romanticismo contagioso, da tarde linda. Castellos, fortalezas, ursos enormes animaes estranhos, de nuvens, equilibrados na linha do horizonte. Um fim de sol muito rubro. Ondas morrendo suaves como caricias.

Gilberto e Zaira. 31 annos por 21.

Gilberto — Pois é, Zaira... O aperfeiçoamento, na Europa; uma breve estadia no sul da Africa, e aqui, de novo. Tendo deante dos olhos o espectaculo feminino mais bonito que já vi.

Zaira — E sempre incorrigivelmente galanteador. Com a vantagem de um curso de aperfeiçoamento...

Gilberto — ...aperfeiçoamento de sinceridade. Porque — um cigarro, Zaira? — porque dos requintes da civilização eu voltei naturalmente menos educado. E a sinceridade é uma imperdoavel falta de compostura.

Zaira — Wilde?

Gilberto — Não. Gilberto. Nem eu: a vida... Eu desejava, Mázinha...

Zaira — Mázinha? Não esqueceu ainda o tratamento antigo. Doutor Bom?

Gilberto — E' verdade: Doutor Bom. Você tambem não se esqueceu de todo. Ha quantos annos já? 5... Não. 6. Seis annos já... Você parece que ficou mais moça. Eu, tenho a impressão de ter vivido...

Zaira — ...um seculo...

Gilberto — Não ia dizer tanto. Seis annos. Você já reparou, Mázinha, como a tarde está bonita? Faz lembrar uma tarde triste...

Zaira — ...uma tarde cinza...

Gilberto — ...uma tarde cinza... O navio se afastando... E eu muito atrapalhado, sem saber se respondia aos seus adeuses, ou se olhava para uma inglezinha que estava ao meu lado.

Zaira — Voltou sincero mesmo, hein!... Pois eu fiquei o resto do dia com esses versos nos labios:

"lá vae fugindo, longe, uma vela serena,
dando a impressão de um grande lenço que te acena.
Partir! Partir tambem! Que ansiedade exquisita
de desapparecer pela agua infinita"...

Gilberto — Guilherme de Almeida?

Zaira? — Ribeiro Couto.

Gilberto — ...a inglezinha era casada com um botanico e, outra qualidade insuportavel, séria como o destino.

Zaira — Ainda bem. Quasi que estava com ciume.

Gilberto — De mim? Acredito. Como se fosse verdade. Não se comprehende o ciume em uma mulher bonita como você.

Zaira — Mulher? Bonita? Ora graças a Allah, o propheta, que não sou mais a garota estouvada.

Gilberto — Estava pensando nisto agora, Mázinha. Vendo essa tarde tão linda, seus cabellos quasi louros, seus olhos quasi azues, esse sorriso ironicamente dolorido de inda ha pouco (ha um pouco de dor em cada gesto de ironia...) eu comprehendi que não era mais a garota estouvada, a Mázinha dos outros tempos. Eu me esqueci que a vida havia dado uns giros na nossa frente e umas voltas dentro de nós.

Tentava, ás vezes, quando longe, imaginal-a differente. Impossivel. Você continuava irremediavelmente infantil em minha memoria.

E eu a sinto, agora, como você é, na verdade. E, paradoxal, a alegria de havel-a comprehendido, embora tarde, dá-me a tristeza de...

Zaira — ...de...

Gilberto — de um romance perdido... de uma felicidade que falhou... um passo á margem do destino...

Só agora eu comprehendo que cousa é essa que me faltava na vida. Essa inquietação continua, essa tristeza injustificada, em meio ás maiores alegrias, esse não sei quê... Só agora, tão tarde...

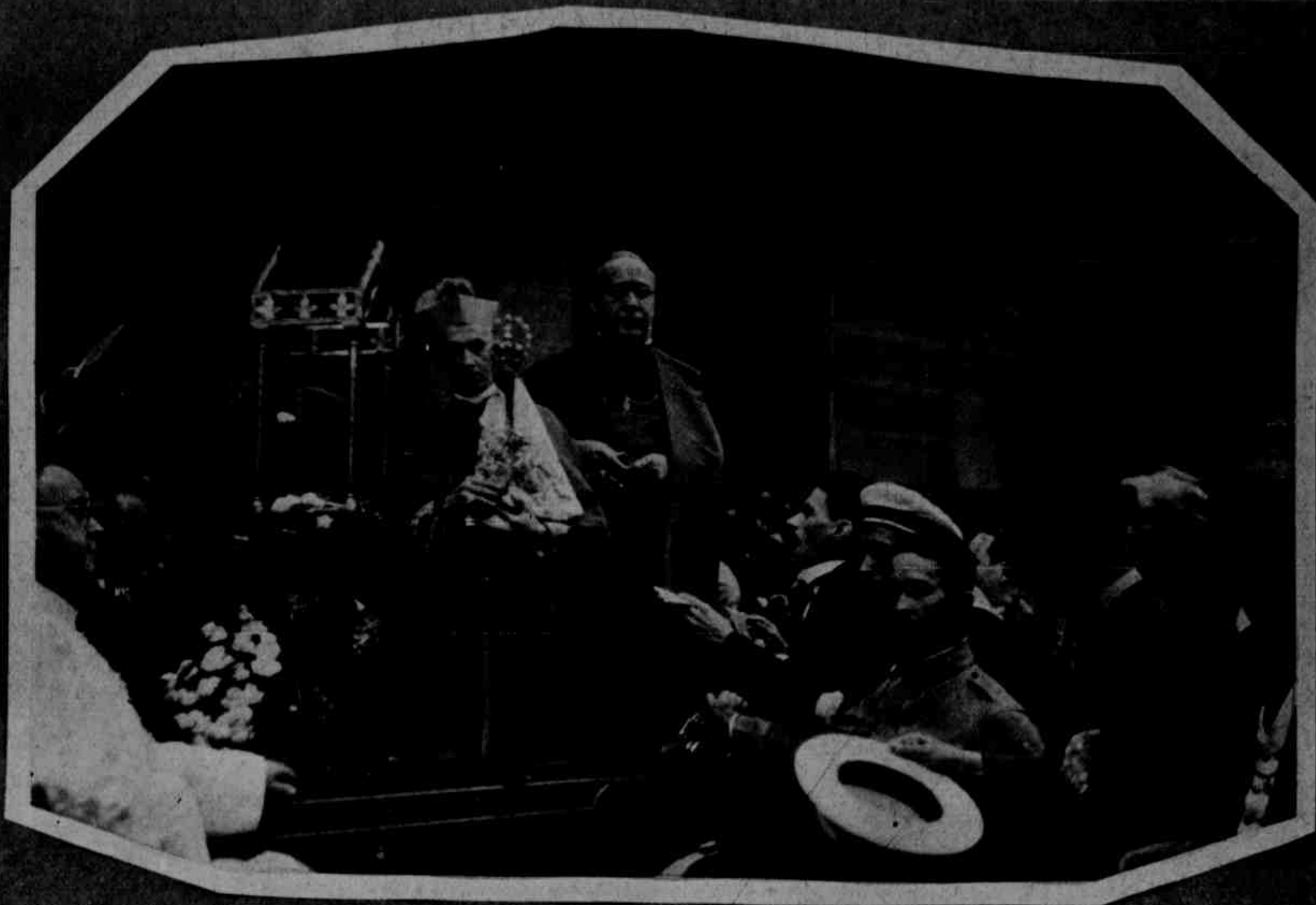
Zaira — Tarde?

Gilberto — Sim... 6 annos... 6 annos em uma vida de mulher... Quantos amores novos, quantas esperanças, quanta cousa para desviar uma recordação da infancia, para deixal-a bem fundo, bem perdida no mundo da memoria, como o pedaço de um verso ao fundo de uma cesta de papeis. Tarde...

Zaira — Mas não, Gilberto. Tarde por que? Isso é uma aurora, uma resurreição, um renascimento — Você vivia em mim sempre, e com uma intensidade sempre crescente. Nós estamos integralizados em nosso destino. Eu sabia que você haveria de voltar. E não fugi ao meu amor. E que fugisse... Elle estaria sempre commigo, porque é maior do que eu. Soffri muito. Desesperancei-me, quasi. Mas encontrava sempre em mim uma força maior, uma cousa qualquer que me dizia que você viria amanhã... E que amanhã tão difficil de chegar..

Gilberto — E que amanhã tão lindo...

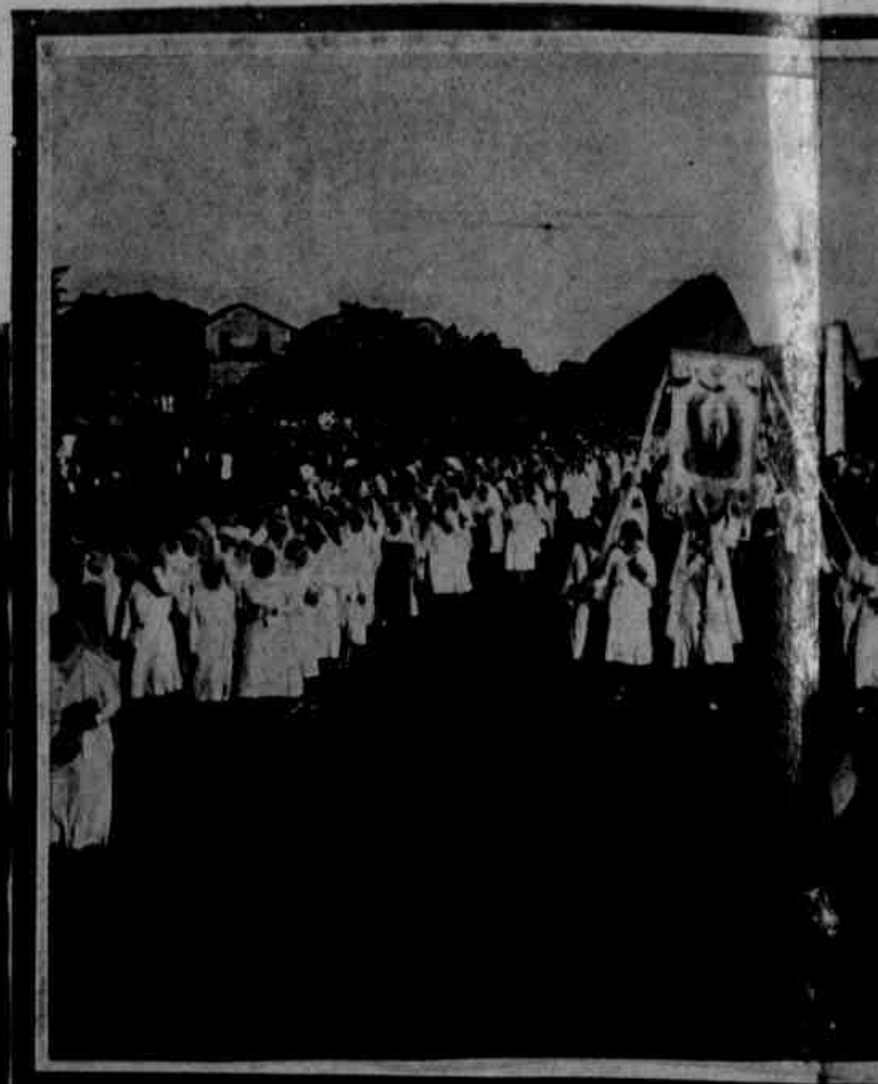
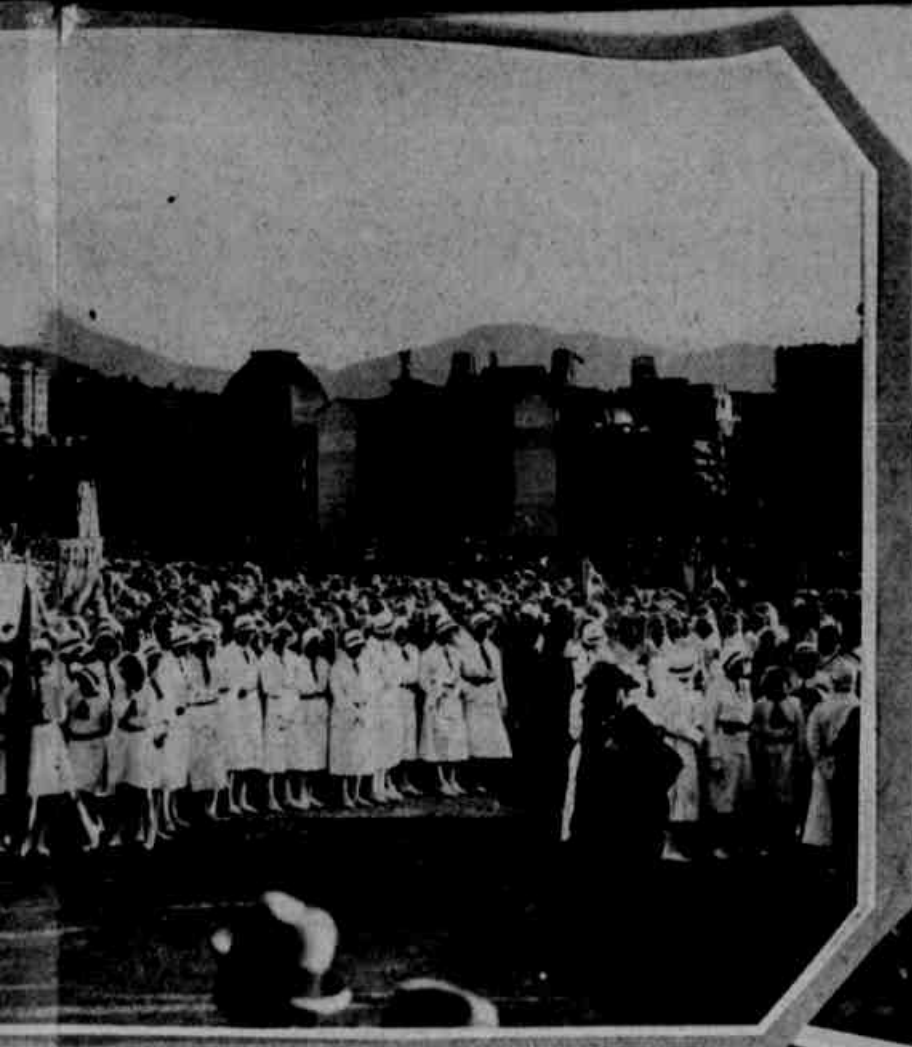
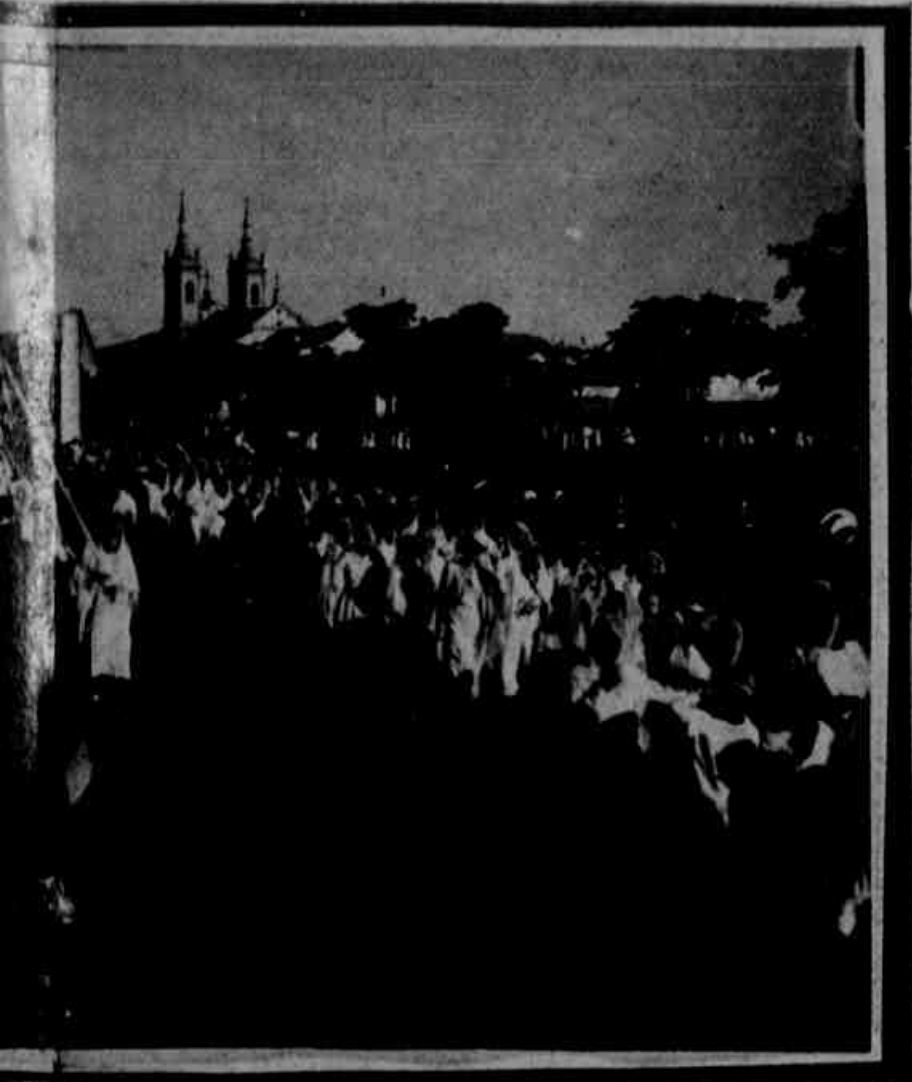
✢

Noite, quasi. Uns restos de cores vestindo o céo. Accendem-se os focos electricos. Dois vultos e m um só.

A PADROEIRA DA NOSSA TERRA

No domingo, de manhã, quando chegou a Imagem de Nossa Senhora Apparecida

Em frente á estação Pedro II

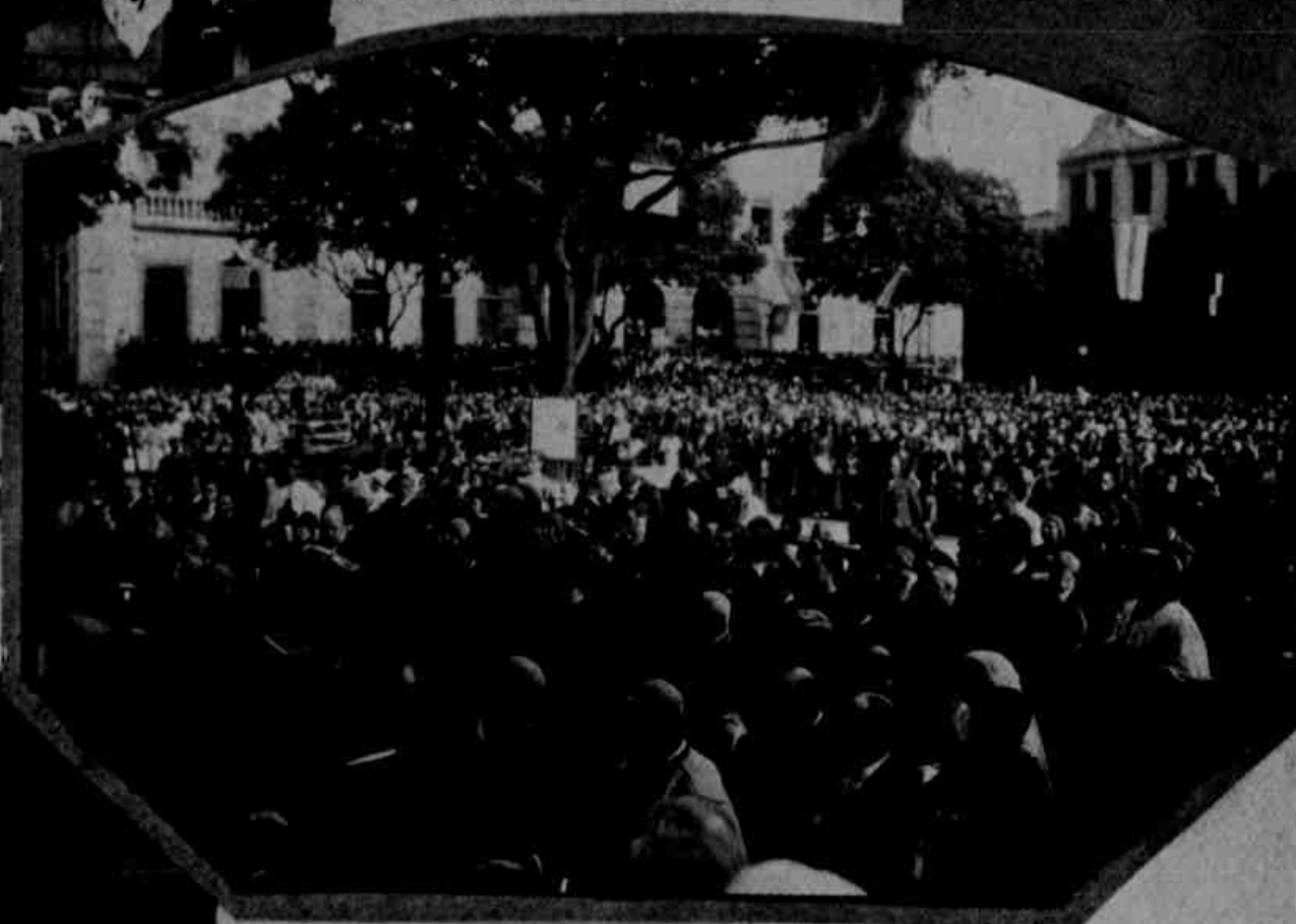
Nossa Senhora Apparecida

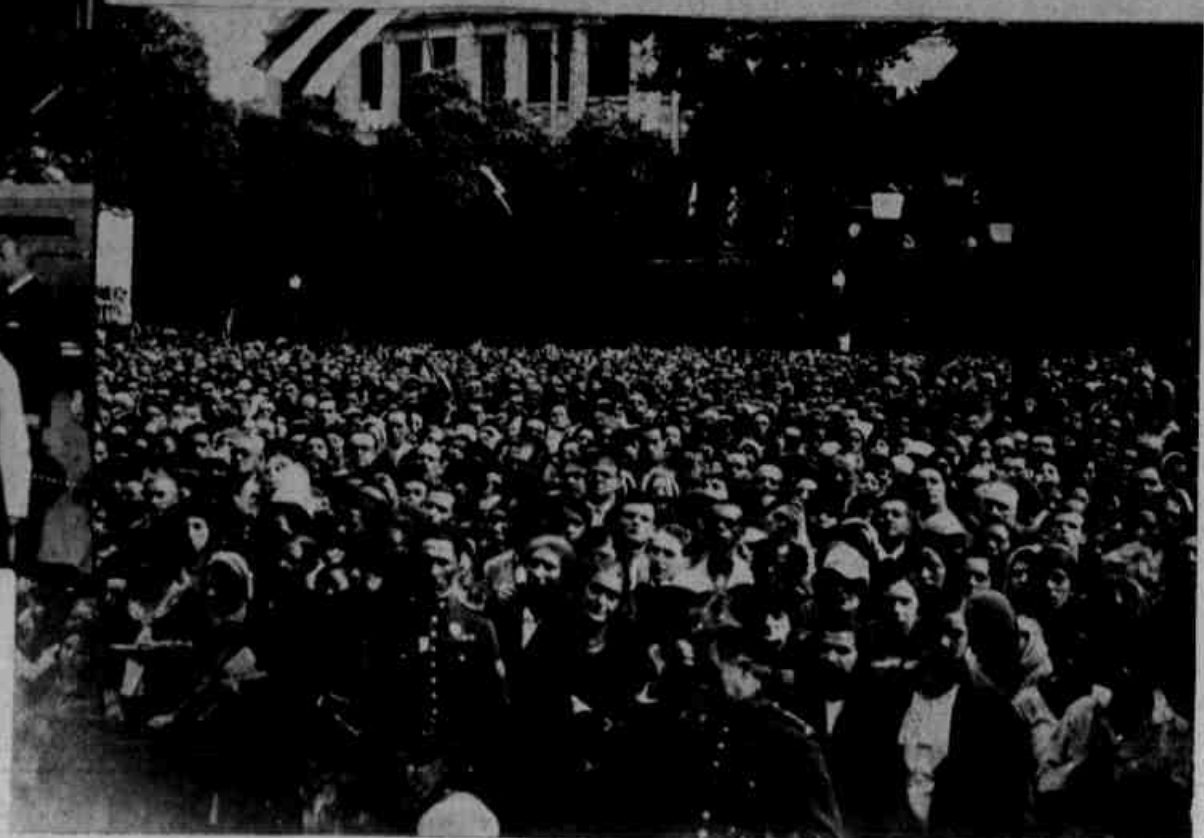
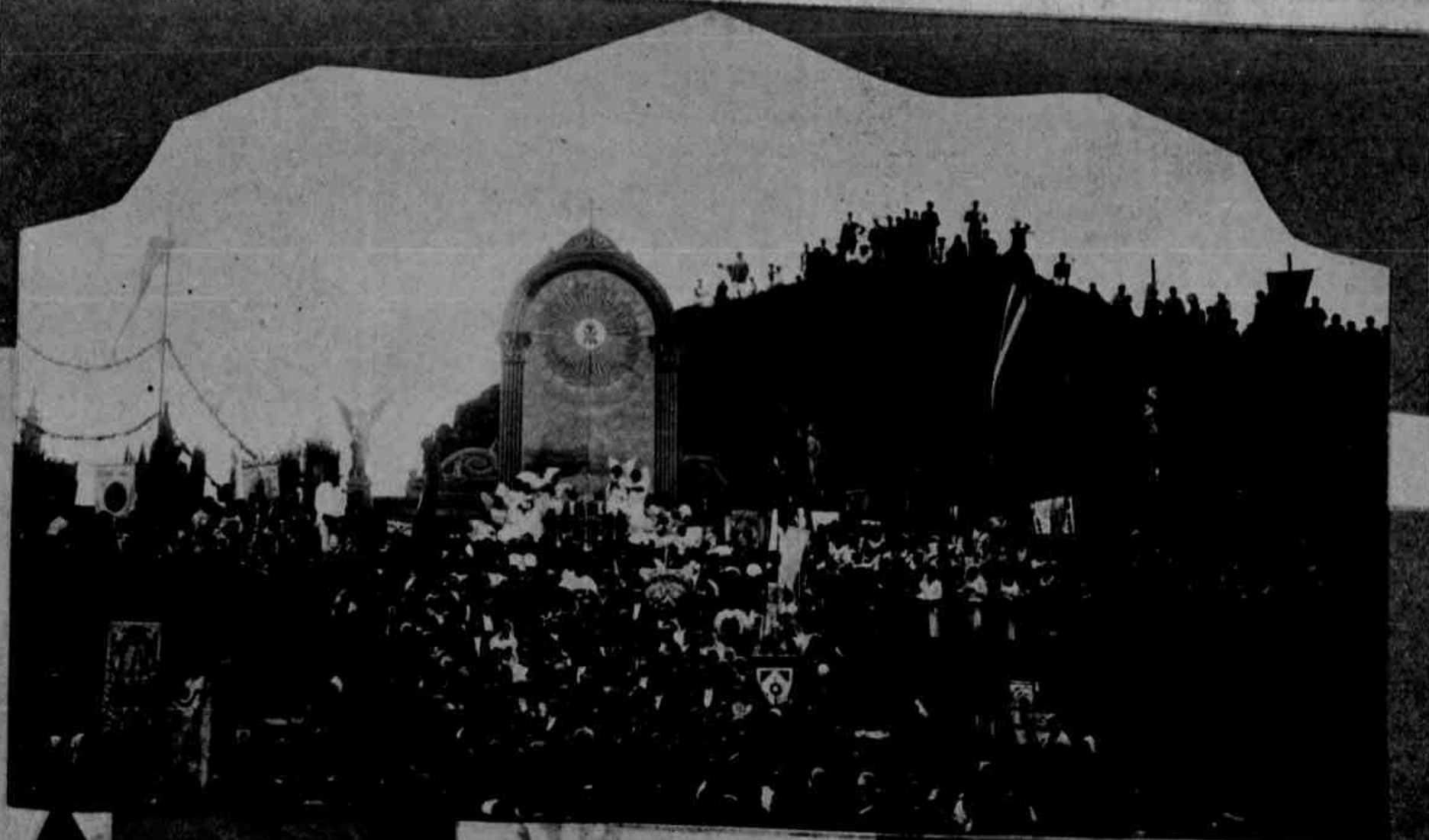
A
PROC
D
DOM

Nossa Senhora do Brasil

A
OCISSÃO
DE
OMINGO

Missa no Largo de S. Francisco

O Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro abençoando a multidão.

Communhão

Sermão de D. Leme
Durante a missa

Acclamação de Nossa Senhora do Brasil

Parte do povo

Na esplanada do Castello

O altar de Nossa Senhora do Brasil

Final da procissão

O Chefe do Governo, a Senhora Getulio Vargas, o Chefe de Policia, Corpo Diplomatico, Senhoras e Senhoritas junto do altar de Nossa Senhora do Brasil.

Ronald de Carvalho
escriptor e diplomata, que parte hoje para Paris onde vae envaidecer o Brasil no cargo de 1º Secretario da nossa Embaixada.

(Caricatura de Alvarus)

O barytono Adacto Filho, um dos mais finos cantores do Brasil, faz o seu recital de 1931, quarta-feira que vem, no salão do Lyceu de Artes e Officios, acompanhado pela pianista Angelita Correia. Programma interessantissimo de canções tzignas, gregas, russas, hespanholas, sicilianas, argentinas e brasileiras.

Musica

A pianista de S. Paulo Maria de Lourdes Almeida que dará na proxima sexta-feira, no Instituto, o seu primeiro concerto no Rio, interpretando Gluck, Beethoven, H. Oswald, Ravel, Debussy, Liszt e Paganini.

Theatro

Véra Sergine e Henri Rollan, primeiros artistas da Companhia de comedia franceza que vem fazer a temporada este anno no Theatro Municipal.

Senhorita Olga Souza Dantas da Sociedade Paulista

INCONTENTADAS

EU tenho um corpo bonito, maciamente harmonioso nas suas linhas esbeltas, tentadoramente moreno, cheiroso como uma fruta bem madura.

Tenho uma bocca rasgada, rica de dentes clarissimos e perfeitos, uma bocca que sabe, como nenhuma outra, dizer cousas de amor, uma bocca que nasceu para o beijo, e que tem delle a forma ousada e voluptuosa.

Tenho uns olhos pequeninos, semi-cerrados sempre, como se temessem a luz directamente audaciosa do sol Uns olhos de amorosa, feitos para a penumbra, para viverem fechados, sob os beijos de alguem.

Tenho umas mãos de dedos longos, finissimos, espirituaes, dedos que sabem, apenas, unicamente, acariciar.

Tenho um coração cheio de ternura... muito amigo... docemente sentimental...

E tenho ainda um temperamento de artista, uma ancia indefinida de perfeição, que se reflecte nas cores e linhas dos quadros que pinto, e na cadencia macia das palavras que escrevo

Dizem-me os homens que sou bonita, encantadora, superior. E os olhares invejosos, e as phrases envenenadas das mulheres... não m'o desmentem tambem.

Emtanto... se eu pudesse... trocaria toda essa belleza, todo esse encanto que a vida me legou... por um amor por alguem que cheio de um doce carinho me guardasse entre os braços, fazendo-me esquecer, com seus beijos, o amargor de ser feia, e banal, para pensar apenas na gloria de ser amada pelo meu *eu* sincero e simples.

***

Eu tenho uma casa pequenina, ensombrada, escura, silenciosa, toda feita para mim, para o reinado absoluto do meu amor.

Nunca desejei uma cousa que me fosse negada, ainda que muito difficil. Os meus vestidos são lindos e carissimos, as minhas joias scintillantes, os meus perfumes maravilhosos.

Vivo em um ambiente de luxo e de prazer. Vivo para o gozo material das cousas bôas.

Tenho um amor immenso.

Tenho alguem que me ama loucamente .. que tem para mim a bondade compassiva e amorosa com que se trata uma creança.

Alguem que me enche de beijos os olhos, as mãos, a bocca, o corpo, sem porem, conseguir que eu esqueça que esses olhos, essas mãos, essa bocca e esse corpo, que são meus, e dos quaes eu me devia orgulhar, nada têm de lindo... são tristemente communs... lamentavelmente insignificantes...

Tenho tudo... e nada tenho...

Podendo ser muito feliz . vivo chorando, porque faltam-me belleza e perfeição... porque ante o meu espelho amplamente rasgado na parede do meu quarto moderníssimo... sinto, poderosa, absoluta, a insignificancia do meu ser pequenino...

Belleza... Perfeição . .

Para possuil-as daria toda a minha inutil felicidade.

Para que os homens me achassem linda, e me desejassem... para conhecer a volupia magnifica de me sentir perfeita... eu daria sem pezar o meu ninho de amor... os meus beijos de amor... o meu amor...

LAURA REGINA

Voltei-me, com surpresa:

— E's tu?

Era o Sobreiro, o meu querido amigo Antonio Sobreiro.

— Que ha?

— Nada. Apesar de nossa grande familiaridade, causou-me estranhesa a inesperada apparição do advogado.

Porque Sobreiro é advogado e será, dizem-no todos, um grande jurista. Rico, bastante sceptico para ser elegante, e elegante sem os extremos do "smart" e os gestos medidos do "poseur" o meu amigo dava-se ao luxo de pensar e sentir, mas ligeiramente, colhendo, na vida, com leveza e distincção, o que lhe porpocionavam a riqueza e a mocidade. Problema algum, por mais serio que fosse, fa-lo-ia meditar; só comprehendia a commoção, no prazer; e lagrimas, só as admittia como figura de rhetorica, em discurso, ou em palco, vertidas artisticamente de uns olhos bonitos. Sorrindo, confessava que as derramára em pequeno por mimo, ou capricho. Mestres, sómente reconhecia, nas espheras de sua profissão, Ihering, Pothier, Planiol, alguns outros, summos pontifices; o resto da humanidade, fóra disso, era, para elle, uma assombrosa multidão de tarados e degenerados escapos ás investigações de Lombroso, Garofalo, ou Kraft-Ebbing. Um dia confessou-me, num desprendimento superior, que fazia parte dessa multidão. Procurei, delicadamente, dissuadil-o disso. Lembrou-me então os versos de Terencio, e recitei: "Homo sum, nihil humanum etc." Trazia de côr Baudelaire e Banville, mas detestava philosophos e poetas. Recebia directamente da França, em frascos de todas as fórmas, os perfumes da moda, em Paris. Lido em Carlyle, fazia, como Teufelsdroeckh, psychologias pelo trajar dos individuos: e acontecia-lhe a miude cumprimentar bicheiros, certo de que o fazia a senadores. Era literato por distracção; aristocrata, por sangue e temperamento. Ademais, professava a religião do amor, e adorava a mulher e os paradoxos. Vinte e nove annos: o seu rôsto escanhoado e esbelto de moço tinha a fidalguia de um "beau vieux", pelo contraste magnifico da cabelleira anelada e branca.

Ergui-me para receber o abraço. Mas a mão calçada em luva côr de cinza lhe tremia, tinha as faces pallidas, os labios descorados e todo elle, de ordinario tão calmo, se trahia, revelando profunda commoção. Voltou-se para fechar a porta e pude reparar, que segurava um jornal á mão esquerda.

— Que ha? insisti, pedindo-lhe que sentasse; não o fez. E foi, agitadamente, com profusão de gestos, e grande curiosidade minha, que o doutor Antonio Sobreiro me revelou:

— Um assombro!... Nem tu imaginas, certo que não acreditarás, pois que eu proprio não acredito! Um assombro!... E, de seguida, veiu até mim, collocou na mesa o chapéu e o jornal.

— Mas então?

— Contarei. Antes, porém, peço-te escusas por ter entrado sem que te prevenisse.

Era a primeira vez que esse formoso rapaz, já notavel pelas suas conquistas de mundano, me parecia sincero. Sabia-o de alma e corpo trabalhados por philosophias, que não assimilára o seu espirito irrequieto. E vezes sem conta o apanhára mentindo a si mesmo, na fina illusão de, enganando, enganar-se. Invoquei nossa amisade e suppliquei-lhe que me dissesse o que houvéra.

— Não! protestou; vim para contar-te. Isto só de ti confiarei. Falando, alisava com as mãos enluvadas a cabelleira ondeada e branca, motivos de seus incomparaveis triumphos nas rodas femininas. Depois, sem procurar sentar-se, narrou:

— Fui-lhe apresentado no ultimo baile da embaixada italiana. Não calculas que soberbo typo de mulher! "Femme á Balzac". Talvez um pouco de Satania, talvez muito de Tanagra, mas tropical e esplendidamente brasileira. Trajava seda negra, o que lhe fazia sobre-sahir o doirado da epiderme. Corpo de deusa com movimentos faceis de pluma, dansando. Dizer-te que flertámos, parece-me inutil: — flerte doirado e leve, com vertigens nas valsas e promessas perturbadoras de olhar. Eu estava encantado e — por que não dizer-te? — doidamente, estupidamente apaixonado. Sim! pela primeira vez me apaixonára. Tinha a impressão de estar dansando com o espirito de Mme de Stael. Ridiculo? Todo namorado é ridiculo. Mas findavamos um "fox-trot", quando ella, de repente, me pediu:

— Que horas são? Disse-lhe: — Meia noite. — Não póde ser, retorquiu-me. Justamente á meia-noite lhe fui eu apresenta. Quer ver?

E, acto continuo, ergueu o braço mimoso onde trazia um pequeno relogio-pulseira de platina e pedras preciosas, e mostrou-m'o. Marcava uma hora da manhã. Com surpresa, verifiquei ter parado o meu "Pateck-Philippe". Procurei fazel-o trabalhar, mas conservava toda a corda. Ella ajuntou, sorrindo, após ouvir-me, que estranhava aquillo.

— Mande concertal-o; acho curiosa a coincidencia, porque o seu relogio parou exactamente na occasião em que fomos apresentados. Na hora mesmo em que nos vimos, marcava o meu meia-noite. E' supersticioso?

— Não, affirmei. Pouco depois nos afastámos. Ella sahira e, nessa madrugada, recolhendo-me á casa, o meu cuco na sala de jantar, tinha uma hora de avanço ao meu "Pateck", que deveria ter continuado a trabalhar logo após nossas despedidas.

Sobreiro, tirando-o do bolso do collete, collocou-me nas mãos o relogio de ouro. Conservava-o sempre envolvido em uma capa de camurça. Era magnifico. Dessas machinas de joalharia, a que o nosso requinte de civilisados já se tornou indifferente. Trazia rubis nos ponteiros e um monogramma no dorso, incrustado de pedras preciosas. Fôra um presente que lhe trouxera o tio, um Sobreiro millionario, da Suissa.

— Não liguei valor á coincidencia, mas ao dia seguinte mandei limpal-o. Voltou-me perfeito. Passaram-se alguns dias e, em todos elles, perseguiu-me deliciosamente aquelle vulto de moça. Della tudo ignorava, a não ser que era bella, escandalosamente bella. No escriptorio, folheando autos recheiados de chicana, eu via, por vezes, os seus olhos de abysmo. Ao deitarme, sem conciliar o somno, visitava-me a illusão do seu talhe. Procurei reagir, quando, percorrendo ao luar certo bairro elegante, vi, no desvão de uma janella, um busto escuro de mulher. Uma força mysteriosa, contra os meus habitos, levou-me a ver. O coração esbarrou-me ao peito. Era ella! Cortejei-a. Pediu-me que entrasse. Discretamente recusei. E conversámos. Contou-me da existencia isolada que levava, uma serie de amarguras. Depois falámos de revolução e dos ultimos acontecimentos. Estava a despedir-me, ella:

— E' verdade, doutor: já mandou concertar o seu relogio?

— Sim mandei, confirmei, e puxando-o da camurça, consultei-o Num arrepio, acheio parado. Sem lh'o dizer, porém, cumprimentei-a e caminhei. Adiante, vi de novo o "Pateck', trabalhava. O phenomeno impressionou-me brutalmente. Não consegui dormir.

— Ah! sorris? bem vejo que não me acreditas. Mas ouve: Tive de ir, por negocios, á Campinas. Cheguei á estação da Luz, cinco minutos antes da partida do trem. O grande relogio da Companhia marcava 6 e 55. Entrei no vagão e...

— Que surpresa agradavel!

— Bom dia, doutor.

Obrigou-me a ficar ao seu lado; ia para Jundiahy. O comboio poz-se em marcha. Estavam descidas as vidraças: pouca gente. Fóra, havia farrapos de neblina, pelos campos, margeando a estrada. E nós corriamos em rajadas, embalados e aquecidos na tepidez do carro confortavel. A luz do sol incendiando o cume das montanhas, ao longe, e, principalmente, a luz dos olhos della, a nossa proximidade, o tom intimo e quente que lhe eu sentia ao falar-me, tudo me dissipou, por encanto, os receios. Precipitei-me sem querer, confessando-lhe o grande sentimento que me inspirára. Ouviu-me sorrindo, diabolica e radiante, satisfeita de mim e de si mesma, quasi sem corar, como se já o esperasse...

— Jundiahy! Que pena! Deu-me um sorriso, e a mão para beijar.

Quando volvi a sentar-me, lembrou-me o relogio. Estava parado em 6 e 55, no momento exacto em que eu a vira. Agitei-o, houve trillos, desengate de ferros e novamente partimos. Tornei ao relogio — trabalhava. Não pude esquivar-me ao calefrio.

Em São Paulo, de retorno, escrevi-lhe: respondeu-me. Estava doidamente enamorado. Foi continuada a nossa correspondencia. Uma tarde, puz á secretária o chronometro. Eu morria de saudades, positivamente morria. Quando escrevi: "Adorada de minh'alma", começando a carta, verifiquei, espantado, que o ponteiro de segundos, estremecia e estacava, cessando, no relogio, por completo, o ruido. Agarrei-o, sacudi-o. — estava mudo. Suppuz-me preso de uma allucinação, e tive medo, medo panico do que se passava commigo. E vergonha de o contar a quem quer que fosse. Temia o ridiculo. Rasguei a carta começada. Tomei nessa noite, o nocturno para o Rio. Passei lá um mez horrivel. Repetia-se o phenomeno frequentemente. Já não mais era preciso encontral-a ou escrever-lhe para que o phenomeno se produzisse. Amando, e profunda, visceralmente acobardado, pensei no suicidio. Vim por mar a Santos. Hontem cheguei aqui. O assombroso, porem, está nesta noticia, que este jornal vespertino estampa.

Abriu-me o noticiario. Obrigou-me a ler:

"Jundiahy, 28. População revoltada pelo barbaro assassinato do Dr. Fajardo de Abreu. O assassino, Manso Fortes, logo após o delicto, evadiu-se. Affirma-se que foi por ciumes praticado o crime. O foragido não supportava as finezas com que o inditoso clinico distinguia a viuva, senhora Y. F., parenta proxima do criminoso. Não nos foi possivel colher detalhes na pressa com que telegraphamos".

— Comprehendeste? perguntou-me Sobreiro.

— Comprehendera, fiz-lhe eu, num aceno.

Houve um grande silencio entre nós ambos, e o meu amigo:

— Em Jundiahy, só póde ser ella, Yolanda, Yolanda Fortes!

Então, um gelado arrepio do desconhecido, passou por nós. Lembrei-me de Morselli, de Ochorowicz e de William Crooks. Talvez elles nos explicassem aquillo. Sobreiro tocou-me o hombro:

— Ha muita cousa entre o céo e a terra...

— ...a que não chega a nossa vã philosophia. Palavras de Hamleto a Horacio.

— De sorte que o meu relogio...

— Foi um aviso, um enlouquecedor aviso...

E, pela primeira vez, aquelle rapaz intelligente e frivolo, sem a preoccupação da elegancia alisou a cabelleira anelada e branca de suas innumeras conquistas, profundamente preoccupado e sentindo profundamente.

— E Yolanda? indaguei.

Não me ouvira; — tinha os olhos cheios de lagrimas. Fez-se de novo, um grande silencio. Sómente, na mesa, tic-tic-tic-tic... brilhando á luz, o "Pateck-Philippe" trabalhava, com os ponteiros de ouro feridos de rubis...

EPICTETO FONTES

VIDA APERTADA

— Que negocio é esse? Tá bancando o Diogenes?

— Defeza, defeza. E' pa accendê o cigarro.

DOLTEI-ME, com surpresa:

— E's tu?

Era o Sobreiro, o meu querido amigo Antonio Sobreiro.

— Que ha?

— Nada. Apesar de nossa grande familiaridade, causou-me estranhesa a inesperada apparição do advogado.

Porque Sobreiro é advogado e será, dizem-no todos, um grande jurista. Rico, bastante sceptico para ser elegante, e elegante sem os extremos do "smart" e os gestos medidos do "poseur" o meu amigo dava-se ao luxo de pensar e sentir, mas ligeiramente, colhendo, na vida, com leveza e distincção, o que lhe porpocionavam a riqueza e a mocidade. Problema algum, por mais serio que fosse, fa-lo-ia meditar; só comprehendia a commoção, no prazer; e lagrimas, só as admittia como figura de rhetorica, em discurso, ou em palco, vertidas artisticamente de uns olhos bonitos. Sorrindo, confessava que as derramára em pequeno por mimo, ou capricho. Mestres, sómente reconhecia, nas espheras de sua profissão, Ihering, Pothier, Planiol, alguns outros, summos pontifices; o resto da humanidade, fóra disso, era, para elle, uma assombrosa multidão de tarados e degenerados escapos ás investigações de Lombroso, Garofalo, ou Kraft-Ebbing. Um dia confessou-me, num desprendimento superior, que fazia parte dessa multidão. Procurei, delicadamente, dissuadil-o disso. Lembrou-me então os versos de Terencio, e recitei: "Homo sum, nihil humanum etc." Trazia de côr Baudelaire e Banville, mas detestava philosophos e poetas. Recebia directamente da França, em frascos de todas as fórmas, os perfumes da moda, em Paris, Lido em Carlyle, fazia, como Teufelsdroeckh, psychologias pelo trajar dos individuos: e acontecia-lhe a miude cumprimentar bicheiros, certo de que o fazia a senadores. Era literato por distracção; aristocrata, por sangue e temperamento. Ademais, professava a religião do amor, e adorava a mulher e os paradoxos. Vinte e nove annos: o seu rosto escanhoado e esbelto de moço tinha a fidalguia de um "beau vieux", pelo contraste magnifico da cabelleira anelada e branca.

Ergui-me para receber o abraço. Mas a mão calçada em luva côr de cinza lhe tremia, tinha as faces pallidas, os labios descorados e todo elle, de ordinario tão calmo, se trahia, revelando profunda commoção. Voltou-se para fechar a porta e pude reparar, que segurava um jornal á mão esquerda.

— Que ha? insisti, pedindo-lhe que sentasse; não o fez. E foi, agitadamente, com profusão de gestos, e grande curiosidade minha, que o doutor Antonio Sobreiro me revelou:

— Um assombro!... Nem tu imaginas, certo que não acreditarás, pois que eu proprio não acredito! Um assombro!... E, de seguida, veiu até mim, collocou na mesa o chapéu e o jornal.

— Mas então?

— Contarei. Antes, porém, peço-te escusas por ter entrado sem que te prevenisse.

Era a primeira vez que esse formoso rapaz, já notavel pelas suas conquistas de mundano, me parecia sincero. Sabia-o de alma e corpo trabalhados por philosophias, que não assimilára o seu espirito irrequieto. E vezes sem conta o apanhára mentindo a si mesmo, na fina illusão de, enganando, enganar-se. Invoquei nossa amisade e suppliquei-lhe que me dissesse o que houvéra.

— Não! protestou; vim para contar-te. Isto só de ti confiarei. Falando, alisava com as mãos enluvadas a cabelleira ondeada e branca, motivos de seus incomparaveis triumphos nas rodas femininas. Depois, sem procurar sentar-se, narrou:

— Fui-lhe apresentado no ultimo baile da embaixada italiana. Não calculas que soberbo typo de mulher! "Femme á Balzac". Talvez um pouco de Satania, talvez muito de Tanagra, mas tropical e esplendidamente brasileira. Trajava seda negra, o que lhe fazia sobre-sahir o doirado da epiderme. Corpo de deusa com movimentos faceis de pluma, dansando. Dizer-te que flertámos, parece-me inutil: — flerte doirado e leve, com vertigens nas valsas e promessas perturbadoras de olhar. Eu estava encantado e — por que não dizer-te? — doidamente, estupidamente apaixonado. Sim! pela primeira vez me apaixonára. Tinha a impressão de estar dansando com o espirito de Mme de Stael. Ridiculo? Todo namorado é ridiculo. Mas findavamos um "fox-trot", quando ella, de repente, me pediu:

— Que horas são? Disse-lhe: — Meia noite. — Não póde ser, retorquiu-me. Justamente á meia-noite lhe fui eu apresenta. Quer ver?

E, acto continuo, ergueu o braço mimoso onde trazia um pequeno relogio-pulseira de platina e pedras preciosas, e mostrou-m'o. Marcava uma hora da manhã. Com surpresa, verifiquei ter parado o meu "Pateck-Philippe". Procurei fazel-o trabalhar, mas conservava toda a corda. Ella ajuntou, sorrindo, após ouvir-me, que estranhava aquillo.

— Mande concertal-o; acho curiosa a coincidencia, porque o seu relogio parou exactamente na occasião em que fomos apresentados. Na hora mesmo em que nos vimos, marcava o meu meia-noite. E' supersticioso?

— Não, affirmei. Pouco depois nos afastámos. Ella sahira e, nessa madrugada, recolhendo-me á casa, o meu cuco na sala de jantar, tinha uma hora de avanço ao meu "Pateck", que deveria ter continuado a trabalhar logo após nossas despedidas.

Sobreiro, tirando-o do bolso do collete, collocou-me nas mãos o relogio de ouro. Conservava-o sempre envolvido em uma capa de camurça. Era magnifico. Dessas machinas de joalharia, a que o nosso requinte de civilisados já se tornou indifferente. Trazia rubis nos ponteiros e um monogramma no dorso, incrustado de pedras preciosas. Fôra um presente que lhe trouxera o tio, um Sobreiro millionario, da Suissa.

— Não liguei valor á coincidencia, mas ao dia seguinte mandei limpal-o. Voltou-me perfeito. Passaram-se alguns dias e, em todos elles, perseguiu-me deliciosamente aquelle vulto de moça. Della tudo ignorava, a não ser que era bella, escandalosamente bella. No escriptorio, folheando autos recheiados de chicana, eu via, por vezes, os seus olhos de abysmo. Ao deitar-me, sem conciliar o somno, visitava-me a illusão do seu talhe. Procurei reagir, quando, percorrendo ao luar certo bairro elegante, vi, no desvão de uma janella, um busto escuro de mulher. Uma força mysteriosa, contra os meus habitos, levou-me a ver. O coração esbarrou-me ao peito. Era ella! Cortejei-a. Pediu-me que entrasse. Discretamente recusei. E conversámos. Contou-me da existencia isolada, que levava, uma serie de amarguras. Depois falámos de revolução e dos ultimos acontecimentos. Estava a despedir-me, ella:

— E' verdade, doutor: já mandou concertar o seu relogio?

— Sim mandei, confirmei, e puxando-o da camurça, consultei-o. Num arrepio, achei-o parado. Sem lh'o dizer, porém, cumprimentei-a e caminhei. Adiante, vi de novo o "Pateck', trabalhava. O phenomeno impressionou-me brutalmente. Não consegui dormir.

— Ah! sorris? bem vejo que não me acreditas. Mas ouve: Tive de ir, por negocios, á Campinas. Cheguei á estação da Luz, cinco minutos antes da partida do trem. O grande relogio da Companhia marcava 6 e 55. Entrei no vagão e...

— Que surpresa agradavel!

— Bom dia, doutor.

Obrigou-me a ficar ao seu lado; ia para Jundiahy. O comboio poz-se em marcha. Estavam descidas as vidraças: pouca gente. Fóra, havia farrapos de neblina, pelos campos, margeando a estrada. E nós corriamos em rajadas, embalados e aquecidos na tepidez do carro confortavel. A luz do sol incendiando o cume das montanhas, ao longe, e, principalmente, a luz dos olhos della, a nossa proximidade, o tom intimo e quente que lhe eu sentia ao falar-me, tudo me dissipou, por encanto, os receios. Precipitei-me sem querer, confessando-lhe o grande sentimento que me inspirára. Ouviu-me sorrindo, diabolica e radiante, satisfeita de mim e de si mesma, quasi sem corar, como se já o esperasse...

— Jundiahy! Que pena! Deu-me um sorriso, e a mão para beijar.

Quando volvi a sentar-me, lembrou-me o relogio. Estava parado em 6 e 55, no momento exacto em que eu a vira. Agitei-o, houve trillos, desengate de ferros e novamente partimos. Tornei ao relogio — trabalhava. Não pude esquivar-me ao calefrio.

Em São Paulo, de retorno, escrevi-lhe: respondeu-me. Estava doidamente enamorado. Foi continuada a nossa correspondencia. Uma tarde, puz á secretária o chronometro. Eu morria de saudades, positivamente morria. Quando escrevi: "Adorada de minh'alma", começando a carta, verifiquei, espantado, que o ponteiro de segundos, estremecia e estacava, cessando, no relogio, por completo, o ruido. Agarrei-o, sacudi-o. — estava mudo. Suppuz-me preso de uma allucinação, e tive medo, medo panico do que se passava commigo. E vergonha de o contar a quem quer que fosse. Temia o ridiculo. Rasguei a carta começada. Tomei nessa noite, o nocturno para o Rio. Passei lá um mez horrivel. Repetia-se o phenomeno frequentemente. Já não mais era preciso encontral-a ou escrever-lhe para que o phenomeno se produzisse. Amando, e profunda, visceralmente acobardado, pensei no suicidio. Vim por mar a Santos. Hontem cheguei aqui. O assombroso, porem, está nesta noticia, que este jornal vespertino estampa.

Abriu-me o noticiario. Obrigou-me a ler:

"Jundiahy, 28. População revoltada pelo barbaro assassinato do Dr. Fajardo de Abreu. O assassino, Manso Fortes, logo após o delicto, evadiu-se. Affirma-se que foi por ciumes praticado o crime. O foragido não supportava as finezas com que o inditoso clinico distinguia a viuva, senhora Y. F., parenta proxima do criminoso. Não nos foi possivel colher detalhes na pressa com que telegraphamos".

— Comprehendeste? perguntou-me Sobreiro.

— Comprehendera, fiz-lhe eu, num acêno.

Houve um grande silencio entre nós ambos, e o meu amigo:

— Em Jundiahy, só póde ser ella, Yolanda, Yolanda Fortes!

Então, um gelado arrepio do desconhecido, passou por nós. Lembrei-me de Morselli, de Ochorowicz e de William Crooks. Talvez elles nos explicassem aquillo. Sobreiro tocou-me o hombro:

— Ha muita cousa entre o céo e a terra...

— ...a que não chega a nossa vã philosophia. Palavras de Hamleto a Horacio.

— De sorte que o meu relogio...

— Foi um aviso, um enlouquecedor aviso...

E, pela primeira vez, aquelle rapaz intelligente e frivolo, sem a preoccupação da elegancia alisou a cabelleira anelada e branca de suas innumeras conquistas, profundamente preoccupado e sentindo profundamente.

— E Yolanda? indaguei.

Não me ouvira; — tinha os olhos cheios de lagrimas. Fez-se de novo, um grande silencio. Sómente, na mesa, tic-tic-tic-tic... brilhando á luz, o "Pateck-Philippe" trabalhava, com os ponteiros de ouro feridos de rubis...

EPICTETO FONTES

VIDA APERTADA

— Que negocio é esse? Tá bancando o Diogenes?

— Defeza, defeza. E' pa accendê o cigarro.

UMA REVELAÇÃO ARTISTICA

GRETA GARBO

Arteobella Nássara é uma garota de quatorze annos. Mas tem um talento artistico que muita gente grande não possue. Está cursando o primeiro anno da Escola Nacional de Bellas Artes e são della estas admiraveis caricaturas de GRETA GARBO.

CINEMA

Em cima, á esquerda, Charlie Chaplin em "Luzes da Cidade". A' direita, elle com Virginia Cherrill.

Marlene Dietrich em "Marrocos"

Ella com Gary Cooper

Na Associação Brasileira de Imprensa

O Conselho Deliberativo que se reuniu para eleger a nova directoria. Dois escrutinios deram a victoria a Herbert Moses, presidente; João Mello, vice-presidente; Costa Rego, 1º secretario; Nestor Guimarães, 2º secretario; Paschoal Ferrone, thesoureiro; Carlos Manhães, bibliothecario; Edmir Pederneiras, procurador.

Mario Rodrigues

Elle teve um longo momento de triumpho. Mario Rodrigues foi um dos nomes mais temidos da nossa imprensa. Porque era sincero. Porque dizia o que pensava. E porque não tinha medo de nada. Morreu. Quizéram matal-o definitivamente com o silencio. Mas os amigos de verdade, que conheciam quanto era bom aquelle homem de apparencia aspera, foram accordar a vóz de Mario Rodrigues nas folhas onde elle deixou a saudade da sua intelligencia e do seu coração. Da Imprensa Official, do Recife, terra do seu nascimento, acaba de sahir "A Cegueira dos Deuses", primeiro volume da obra completa de Mario Rodrigues. São paginas de chronicas, estudos, ensaios, enviados do Rio para o "Jornal do Recife", em 1916, paginas nas quaes tudo tem um commentario certo, desde a poesia até á politica, paginas de um escriptor que o jornalismo não perturbou e que a gente lê como se escutasse Mario Rodrigues.

Em baixo: Professor João C. da Rocha Cabral, cujo livro "Synthese do Problema Bancario no Brasil" acaba de apparecer. Era deputado pelo Piauhy e lente da Faculdade de Direito o professor João Cabral vem se dedicando ha muito sobre questões economicas. Um dos grandes estudiosos do problema economico.

Vestidos e capas para a estação de 1931

de Elegancia

Q UE me recommenda você em materia de chapéos? Que mais se usa?

— Minha bella amiga, você não sabe quanto é difficil responder-lhe ou aconselhal-a no assumpto. O que mais se vê a toda hora por essas ruas do Rio de Janeiro, pelos cinemas, pelas igrejas, pelos "golfinhos", pelas casas de chá é a... boina.. A boina, não como você a deixou, de flanella e um rabinho ao centro. A boina ainda simples e a boina rebuscada. A boina de "crochet" que já tomou conta das meninas dos suburbios, a boina de "chenille", de velludo de seda, de palha, de feltro molle, de pano e renda... A boina original, linda, incommum, esta eu a vi e a descrevo a você: um pedaço de taffetas escossez, de côres vivas, na cabeça de Maria Leonarda, e completando um "robe-manteau" de linhas rigidas e de "flamenga" azul "lavande". Foi a silhueta mais interessante da cidade, na ultima segunda-feira. Depois eu vi chapéos pequeninos, desses que se adaptam á cabeça e emmolduram o rosto com infinita graça. Trapos que se rematam na nuca por delicados "drapés", carreiras de franzidos formando desenhos curiosos, flores que tão bem cáem nas que usam cabellos compridos, "bouclés" a ferro ou em cachos naturaes, ou pacientemente feitos como no nosso tempo de meninas: cabellos molhados no chá e enrolados, juntamente com uma tira de mandapolão, numa caneta, numa vela de carnauba, ou ainda no fuso de tecer pavio de lamparina. Você sorriu. Gostou? Está claro, minha amiga, que isso foi de hontem. Não aqui, na civilisadissima capital da metropole, mas nos nossos cantinhos de sertão de provincia. E vae a resalva para que não nos dêem maior idade que aquella que a gente leva a ter, quando é maior, por muito tempo...

Os chapéos que estamos presentemente usando são, como lhe disse; pedaços de "chiffon" armados com geito e arte. O feltro ainda não entrou de todo. Virá quando os dias se tornarem frios e a chuva começar a castigar, tornando o inverno carioca o que elle é: humido. Mas você pode aproveitar um feitio de Le Monnier para feltro muito fino ou pano. A copa é toda trabalhada em nervuras, e plumas enroladas simulam uma aba inteiramente batida na testa e pontuda dos lados. Tambem as duas folhas atraz são de pluma. Outro chapéo que lhe ficará bem: "cloche" cuja copa é de taffetas dourado, "matelassé", e aba de taffetas preto. E' idéa para você reformar o seu "beret" dourado. E creação de Paraf. Um chapéo de Geneviève Marna, para Any: setim preto guarnecido de petalas, em diadema,

Agora aos penteados. A. Dorét, o fino cabelleireiro e perfumista que "tout Rio chic" conhece, disse coisas interessantes sobre o progresso da cidade e o progresso da elegancia feminina carioca. E' mais ou menos o que aqui vae, e lhe ouvi entre os raros momentos em que pára um pouco para attender as bellas creaturas que lhe preferem o trabalho:

— Ha 22 annos, minha cara amiga, o Rio de Janeiro era completamente diverso do que é hoje. Tudo evoluiu. Veio o melhor, o aperfeiçoamento do bello não só da cidade como dos habitantes...

— *Das*...

— *Pardon, das* habitantes. O proprio elemento estrangeiro que aqui aporta ou aqui vive elogia a belleza e a elegancia sobria das cariocas, que, innegavelmente distingue o bello do commum.

— E os cabellos?

— Em 1909 o penteado era feito de accordo com os grandes chapéos; em 1910, uma reminisniscencia do imperio napoleonico, figurada por um cacho em forma de "chignon" posto no alto da cabeça. Foi o anno em que se consagrou a ondulação Marcel, no Brasil, e poucos eram os cabellereiros que a sabiam fazer. Em 1911 e 1912 trouxeram a innovação dos cabellos ondulados e presos por uma faixa de cabellos lisos, á volta. Favorecia os traços physionomicos, razão por que tanto durou. Ainda em 1912, na temporada lyrica do Municipal formada pelo emprésario Mocchi, surgiram os primeiros penteados altos, descobrindo as orelhas, cabeças inteiramente onduladas. Já em 1913 o penteado desce para a nuca, época do "bandeau à la vierge" e das cabelleiras a côres. Mais tarde, em 1921, a mulher corta as tranças, usa cabellos curtos. A principio, timidamente, depois vem o côrte *à la garçonne*. Foi febre, triumpho. E' possivel que isso tenha contribuido para estragar a arte de cortar cabellos... de mulher. A' cada esquina, em cada canto, as moças deixavam a cabelleiro impiedosamente ás mãos dos cabellereiros para homens, raspavam, sem pena, a nuca; e mesmo se descuidaram do tratamento:

— Sim?!...

— E os cabellos são o mais bello adorno de uma cabeça feminina. Curtos ou compridos elles devem ser cuidados religiosamente.

Ahi estão palavras de entendido no "riscado". Disse "merci" a quem tão delicadamente me dava assumpto para esta pagina, e enfronhava as leitoras na historia dos penteados de 1909 á presente data.

\+ + +

Além dos chapéos, figuram nesta pagina modelos de penteados e vestidos para "trotter", no genero esporte e outomnaes. Verificarão as leitoras que o tecido escossez está favorito. Raramente um vestido inteiro de tal pano fica bonito. Mas o escossez como complemento, como guarnição, nos vestidos ou na "lingérie", é de muito bom gosto, agora. E o escossez, usado em seda vegetal — o que se tem na conta de essencialmente "chic" — pode ser adquirido sem susto de manchar pela mis-

tura de côres. Garante-o a excellente anilina "Indanthren", corante que resiste ao tempo e repetidas lavagens.

\+ + +

Uma nota que interessa: a reabertura da *Casa Garcia*, na Avenida, com a mais requintada collecção de gravatas e outras peças do vestuario masculino.

\+ + +

Moveis: de Albino Barros & C.ª — Rua do Ouvidor.

SORCIÈRE

ou diadema de "queue de rat noire". Para você: panamá-laque preto misturado a feltro rosa e duas camelias rosa. Olhe tambem os outros.

Boina, "tricorne" "cloche"... Um feitio de chapéo é, sempre, minha bella, seis chapéos differentes em seis differentes cabeças. Mas Deus nos livre de trazermos, mesmo assim, o mesmo chapéo que a nossa vizinha, que aquella moça a quem encontrámos na rua, que a nossa amiga mais intima... A gente copia, mas copia, sem dar na vista, pois não?

De tudo um pouco

OS QUE RECEITAM PARA ANIMAES — São, geralmente, homens. Os lindos tótós que ás vezes se lembram de adoecer para intranquillidade de seus possuidores são tratados pelos veterinarios. Os cães de luxo, quando sadios, passam vida de principe, e doentes merecem cuidados que muita vez os homens não logram. As mulheres — ou por difficuldades de vida, ou resultado da guerra de 914, ou ainda por desejo de igualdade e libertação das cadeias com que as leis as prendem — ainda não se deram á profissão de veterinarias. Tanto que só duma se tem conhecimento. E' dos Estados Unidos, chama-se Mrs. Barrie Carpenter e mora em Detroit. Tem-se distinguido tanto na carreira que abraçou que até fez communicação á Universidade de Toronto de pesquisas de laboratorio, importantissimas.

O Ministerio de Educação, ali no antigo largo da Mãe do Bispo, é logar triste, de uma tristeza de necropole. Lá não se vê cara alegre.

Pois hontem no vestibulo da ex-"gaiola de oiro" deu-se o milagre.

Milagre vae bem com a actualidade, tem certa expressão. Tambem a tem — vestibulo — e muito affeiçoada ao local. De vestibulo é que deriva vestibular. E vestibular.... Não, não "Le secret de tout dire c'est le secret d'ennuyer". O que interessa é o milagre, e este foi o de surprehendente risada naquelle soturno ambiente, naquelle tumulo de gente viva.

Acabava de falar um cavalheiro de certa idade, ou, melhor, de idade incerta.

Não achei no discurso nada que desse para tanto rir.

Assim dissera o homem: "A Morgadinha de Val Flor" foi uma das delicias artisticas da geração que, de volta do theatro, tomava chá com torradas em casa, e nesse drama de Pinheiro Chagas, portuguez, havia isto, meninos, que é excellente:

— Não gostei do sermão.

— Por que, senhor Capitão-mór?

— Tinha pouco latim.

— E o mano sabe latim?

— Não; mas sermão sem latim tambem eu posso fazer".

Antes havia pintado a figura do capitão-mór. Era analphabeto.

Mas nem com tal minucia dava a cousa para tanta hilaridade.

Disseram-me, então, que "el cuento" se applicava a alguem que naquelle momento se afastára, um frenetico, e truculento paladino da orthographia etymologica.

OURO E PRATA

TODOS guardamos reminiscencias dos bellos velludos bordados a ouro, estendidos nos bastidores para um par de sandalias, uma almofada, um abafador de café. Era ainda nc tempo que o chá não tinha posto á margem a gostosa bebida brasileira. Ouro e prata vieram, pouco a pouco, formando desenhos nas sedas lavradas para vestidos. Depois os "lamés" dominaram e encantaram. Serviam para as sumptuosas 'toilettes" de baile, de espectaculos de gala. Os fios de metal se insurgiram, a começo timidamente, nos "georgettes" estampados, nos kashas de lã, nos jerseys para "sweaters". Com a subtileza dos mestres de costura o ouro e a prata douram, discretamente, um cantinho de gola, um punho, a beira de um canhão de um vestido esportivo; e o ouro e a prata apparecem nos pequenos toques, nos vestidos de noite, e nos "deshabillés" elegantes.

Tal mania chegou aos fabricantes de louça. E os "bibelots" modernos são vidros forrados ou estriados de metal. Flores que nos guarnecem as jarras tambem se confeccionam de prata, tambem luzem como ouro. O ouro e a prata ainda apparecem no estofo dos moveis, nos proprios moveis, forrando os divans onde se amontoam almofadas de "lingérie", de seda, de feltro, e forrando poltronas, cadeiras semelhantes ás italianas da epoca de Luiz XIV. Ouro e prata em pleno gosto actual. Muito interessantes todas essas coisas matisadas de luz. Estão em uso. Não as levemos, porém, ao abuso...

E LAMENTO não estar no Rio para passar alguns dias com você. Vem comprar o enxovál e despedir-se da vida de solteiro. Quanto ao modo por que vae você dizer adeus aos bons tempos de despreoccupações, a coisa fica perfeitamente á sua vontade. Você terá, para ajudal-o a divertir-se, o José, o Henrique, o Victorino... As compras, meu caro, é que me preoccupam. Você não gosta de perder tempo, é um tanto irrequieto. Quer vestimentas e coisas de viagem, porque, meu caro felizardo, você vae viajar pela Europa, que, assim em lua de mel, deve ser uma cousa absolutamente agradavel. Conte-me depois... E você economisará tempo dando a sua lista na Torre Eiffel. E' uma das mais antigas casas do Rio, onde a gente de bom gosto de outros tempos e a gente fina de hoje se vae vestir. Roupas para meudos e graudos. E accessorios de viagem, bonitas malas, estojos completos... Vá lá. E a minha falta será menor. Vá á Torre Eiffel, na rua do Ouvidor. Divirta-se ao mesmo tempo que tornará util a sua pequena estadia. Até breve, para o dia do casorio.

ENFEITES PARA HOMENS

ESTA Paris a se mover no sentido de conseguir para os homens as mesmas quinquilharias com que se adornam as mulheres. Querem que elles vão modificando as roupas ao ponto de poderem guarnecer o feltro macio, molle, de delicada pluma, de coloridas pennas ou de vistosas flores. Em consequencia: o uso dos collares, dos braceletes, dos brincos. Naturalmente, a idéa não tem sido bem acceita. O uniforme masculino é dos mais commodos sem ser dos mais baratos. Mas ganha o excesso de gasto na duração das casimiras e dos linhos dos ternos. Tão bem elles se sentem e tão bem parecem sempre, como são, que as mulheres, ha tempo, quizeram imitar-lhes os *paletots* sacco, as camisas, o laço da gravata, os sapatos de salto baixo, e principiaram a usar feltros embora os guarnecessem de maneira diversa. Houve protestos. E as saias compridas vieram acabar com a masculinisação das encantadoras descendentes de Eva. Mas as joias com que querem enfeitar os homens... Graças a Deus elles ainda têm o bom senso de ficar pelos alfinetes de gravata, um argolão, uma pulseira relogio. A pulseira surgiu nos pulsos dos homens, em profusão, na grande guerra. Era, para os soldados, uma especie de carteira de identidade — quando a não furtavam. Os almofadinhas gostaram do invento. E foi praga encontrar desses meninos de cinta apertada e cara caiada de pó d'arroz, com a respectiva pulseira de ouro e chapa com iniciaes. A's vezes trazia o nome da namorada predilecta, o que, innegavelmente, chegava a confundir com carteira de identidade...

Os relogios de pulso que varios homens adoptam trazem sempre pulseira de couro. Querem-na transformar. Por que não pulseira de ouro, de prata, de platina? Sim, por que não? Comtanto, leitor amigo, que não te feminizes ao ponto de usares o relogio pulseira da tua mulher, da tua noiva, ou do teu "flirt". Um relogio de homem, de linhas simples, de tamanho regular, e com mostrador em caracteres de facil percepção. E' para que não te demores, mesmo quando já não tenhas grande vontade de chegar antes... "Noblesse oblige"!

S.

PARIS começa a assustar-se com o dominio yankee tambem na cosinha franceza. Conta um dos donos de famoso restaurante que, certo dia, alguns americanos pediram perdizes assadas, e ao envez de escolherem um bom vinho para acompanhar o delicioso prato, pediram chocolate.

O parisiense já sente certo prazer em misturar o queijo de Roquefort e fatias de pão e manteiga com molho inglez e rodelas de cebola. E, apesar de haver condemnado as perdizes com chocolate, experimentou-as assim, e achou que, realmente "cela n'est pas mauvais du tout".

Em favor dos Lazaros

Hoje, ás oito horas da noite, as meninas do Collegio Bennet vão fazer o seu festival em favor dos Lazaros. Um lindo festival para mitigar a tristeza dos que soffrem. De Maria Eugenia Celso, será representada a comedia "Amores de Abat-Ajours"; Paschoal Carlos Magno dirá uma poesia' o Conjuncto Tapajóz tocará; haverá tres numeros de dansas, pelas alumnas. Mme Silva Araujo fará a abertura.

O Dia de hoje será de explendor na Rua Marquez de Abrantes, onde fica o Collegio Bennet.

Concurso de contos do "Para Todos"

O encerramento do Concurso de Contos do "Para todos..." foi novamente dilatado até o dia 29 de Agosto de 1931, considerando-se que todos os trabalhos a elle concorrentes, enviados até o dia 24 de Outubro de 1930 foram extraviados.

SENDO ESTE PROROGAMENTO O ULTIMO QUE FAZEMOS, pedimos a todos os contistas que tenham enviado seus originaes antes daquella data, de nos enviarem outras copias urgentemente.

Casamento á antiga

(FIM)

se, sentados no enorme sofá eram motivo de curiosidade para o **sereno**, que, da parte de fóra, fazia quasi uma segunda festa.

As pilherias, os chistes, as criticas (algumas até mordazes) feriam de quando em vez os ouvidos das mocinhas, fazendo-as corar e levando os elegantes **almofadinhas** de época a tremerem de raiva... Impiedade crua nos commentarios que obrigou, certa vez, a um que não tinha sangue de barata, embora viesse de casar, a puxar de arma e quasi, quasi provocar um conflicto. Nem mesmo as senhoras poupavam, moças ou velhas. Tudo servia de assumpto para um grito, uma risada, quando não fosse uma vaia.

E se um respeitavel cidadão cruzava a sala torcendo os vastos bigodões numa **pose** do outro mundo, ahi, já sabia, não tinha para onde correr: a pateada era grossa:

Olha a casaca delle! O defunto era maior!

Ao que um terceiro respondia, cantarolando, entre gargalhadas de satisfação:

Nesta casa não se bebe!
Nesta casa não se come!
Nesta casa só se diz:
Olha a casaca do homem...

(Do livro em preparo: "Pernambuco das anquinhas e das maxambombas" — Fernando Pio e Mario Sette — em collaboração).

A inauguração das "Lojas Victor, Ltda" -- Tudo até 2$

69 e 71, rua Gonçalves Dias e 82, rua Uruguayana

Um dos aspectos da inauguração, vendo-se a Sra. e Sr. Victor Fernandes Alonso e Dr. Luiz Ferreira Gomes, os socios da "LOJAS VICTOR, LTDA." — TUDO ATE' 2$; o nosso antigo collega Alvaro de A. Campos e o illustre bispo D. Mamede, que presidiu á solemnidade.

Grupo das interessantes auxiliares dos modernos estabelecimentos.

FARRAPOS

(F I M)

O Sr. Spalding não fez historia analytica, de difficil deglutição intellectual. O seu proprio estilo, extremamente simples, já o preserva desse mal. Em agradavel ambiente literario são narrados os episodios da revolução republicana de 1835, em fórma de contos avulsos, mas observando uma determinada ordem chronologica, coordenados entre si por uma concatenação successiva de épocas.

Isso lhes dá um invejavel sabor de unidade, sendo os seus episodios de uma singeleza transparente, sem o peso de chumbo dos historiadores severos e circumspectos. O Sr. Spalding não fez romance, mas tambem não seguiu á risca a norma generalizada entre os nossos historiographos. O Sr. Spalding preferiu seguir, em essencia, uma technica um pouco differente, mais consentanea, sem literatura de ficção, dando a essa 1ª serie de "Farrapos" uma unitaria urdidura de agradavel impressão.

"Farrapos" desperta a idéa, por isso, de uma historia pura, interessantissima, apresentando alguns episodios pouco conhecidos; detalhes curiosos de interesse geral; apontamentos; observações; elementos para os historiadores do futuro. Mas o que de mais notavel apresenta "Farrapos", no genero, é o esmerado e absoluto espirito historico de que vêm saturados todos os seus detalhes, sem rhetorica, sem fantasias literarias, quasi sempre comprometedoras no que diz respeito á veracidade dos acontecimentos descriptos.

O Sr. Spalding abre o seu livro com um estudo denominado **Conspiração** — que é uma synthese fiel dos motivos dynamicos que impulssionaram espiritualmente os altivos e heroicos ideologistas de 1835. Seguem-se outros episodios, em ordem successiva, desenrolados naquelle periodo de agitação republicana. Alguns delles, sem importancia capital com a marcha de revolução, mas ligados por laços moraes ao grande movimento liberal, são tambem lembrados, reconstruidos habilmente pelo autor.

Entendemos, por isso, que "Farrapos" vem contribuir efficazmente para a elucidação do decennio farroupilha e, mais que isso, cooperar para a illustração do nosso povo, dos que lêm por desfastio ou por amor ás tradições legendarias da raça.

E' que difficilmente se tem encontrado leitura historica de 35 ao alcance de qualquer mão.

O Sr. Walter Spalding, que é ainda muito moço, poeta, chronista e historiador, continuando a escrever historia, fará, sem duvida, obra de vulto, imminentemente patriotica e constructiva.

OLYNTHO SANMARTIN